Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Faculdade de Formação de Professores

Perspectivas e desafios da Pedagogia Freinet em uma instituição privada e urbana: reflexões acerca da defesa de Freinet à escola pública para o povo em meio ao ambiente natural - um estudo de caso da pré-escola da Escola Criar.

Luciana de Moura Souza

São Gonçalo

2008

Luciana de Moura Souza

Perspectivas e desafios da Pedagogia Freinet em uma instituição privada e urbana: reflexões acerca da defesa de Freinet à escola pública para o povo em meio ao ambiente natural - um estudo de caso da pré-escola da Escola Criar.

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de graduada, ao Departamento de Educação do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Profª. Drª. Helena Amaral da Fontoura

São Gonçalo
2008

Luciana de Moura Souza

Monografia apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de graduada, ao Departamento de Educação do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em _____

Banca Examinadora

_____
Helena Amaral da Fontoura – orientadora

_____
Gianine Maria de Souza Pierro - parecerista

AGRADECIMENTOS

A DEUS pelos milagres de todo dia;
A minha família pelo amor, apoio e paciência;
Ao meu avô Wilson, pela minha história;
A Gui - minha vida - pelo amor, pela compreensão, companheirismo; pelos sonhos reais do presente e pelo futuro;
Aos amigos pelas alegrias; especialmente os conquistados durante a faculdade;
A minha orientadora, Helena, pela amizade, dedicação e pelos estímulos;
A toda equipe da Escola Criar pelas possibilidades de realização de sonhos.

A vida prepara-se pela vida.

Freinet

RESUMO

Célestin Freinet (1896-1966), pedagogo francês, desenvolveu no século XX uma pedagogia crítica às teorias educacionais precedentes condutoras do modelo que se mantinha em vigor no seu tempo, e incitou questões importantes sobre a educação escolar e familiar e sobre a humanidade, que estão em constante ascensão nos debates educacionais atualmente. Suas reflexões se fundem em duas idéias principais: a defesa de educação pública para as crianças do povo e a escola inserida em ambiente natural. A partir de tais alegações, desenvolveu o conceito de *trabalho*, considerando este como o motor essencial de inserção da criança à sociedade que constrói e da qual participa; e o *método natural*, como o melhor viés escolar de aproximação da instituição à vida, da criança com sua própria natureza. Assim, esta pesquisa considerou ser necessário investigar perspectivas e desafios de uma instituição privada e urbana – a Escola Criar - que, portanto, vive em contextos adversos aos propostos por Freinet, adotar a pedagogia em questão como uma de suas bases teóricas, tendo como foco a educação pré-escolar em que, segundo o autor, se dá o período de iniciação dos conceitos apresentados e também por representar o princípio da ação ativa da escola na formação dos homens em desenvolvimento. Concluímos reiterando as possibilidades da Pedagogia Freinet em promover uma educação que desenvolva valores de cooperação, em contato com a natureza, e que promova a melhoria da sociedade na qual nos inserimos e que temos a escolha de aprimorar democraticamente.

Sumário

Introdução.....**7**

Capítulo 1: o que queria Freinet: essências da sua pedagogia.....**10**
1.2 – A defesa da escola popular.....**12**
1.2.1 Educação para o povo pelo trabalho.....**15**
1.3 - A natureza infantil, os ambientes natural e urbano: uma reflexão do método natural.....**18**
1.3.1 Método Natural.....**19**

Capítulo 2- Pedagogia Freinet e a pré-escola.....**29**
2.1 A criança segundo Freinet.....**29**
2.2 A Educação Pré-escolar Freinetiana.....**31**
2.3 O professor da pré-escola e a Pedagogia Freinet.....**33**

Capítulo 3-Escola Criar: entre o privado e o urbano e a Pedagogia Freinet– desafios e perspectivas.....**38**
3.1.- Histórico da Escola Criar e os desafios de uma instituição particular baseada em Freinet sobreviver em meio ao tradicionalismo.....**39**
3.2- Perspectivas e desafios da Pedagogia Freinet em ambiente urbano.....**48**
3.3 A educação pré-escolar na Escola Criar.....**51**
3.4- Educação infantil e Pedagogia Freinet: palavras e ações docentes.....**56**
3.4.1 A rotina da pré-escola na Criar.....**57**
3.5- Freinet nos discursos e nas ações **63**
3.5.1 A turma 1: Motivação e Vida na escola.....**63**
3.5.2 A turma 2 : Formação de homens livres, autônomos e responsáveis.....**66**
3.5.3 A turma 3: Criatividade e autonomia dos conhecedores em potencial....**68**
3.6- Desafio e perspectivas: concretizações na prática e caminhos possíveis.**72**

4- Conclusão.....**79**

Referências Bibliográficas.....**80**

Introdução

O século XX foi marcado por transformações políticas, ideológicas, econômicas, sociais e culturais significativas. Vivendo tais mudanças, Célestin Freinet (1896-1966), em 1920, em Bar Sur-Lup na França, iniciava suas ações como professor primário. Questionando a estrutura das salas de aula escuras, frias, sem ar, sem vida; as normas rígidas exigidas pela escola, e seguindo o seu respeito à criança e o seu instinto de pastor devido sua infância, Freinet considerou ser necessário mudar; ser emergente a necessidade de uma reeducação. Assim, principiou dois engajamentos que seriam fundamentais à elaboração de sua pedagogia: o docente atribuindo às suas próprias funções cotidianas o papel de mediador de vida e conhecimentos e não mais de transmissor de conteúdos; e o político que consolidou suas críticas ao modelo ideológico e econômico em que práticas e teorias educacionais se respaldavam. Fundamentando tais empreendimentos, Freinet corporificou sua pedagogia a partir da defesa de uma educação popular para as crianças do proletariado e da defesa da escola que reequilibra a vida estando próxima à natureza.

Compreendeu que as escolas para as crianças do povo não se preocupavam nem com a construção de conhecimentos, ainda que arbitrários, pré-estabelecidos e excludentes, nem com a formação para a vida e para possíveis mudanças sociais. Paulo Freire (2003) chamaria essa atitude das escolas com as crianças da massa de "ocultação da verdade". Freinet, a partir do seu posicionamento já citado, gerou forte crítica ao sistema tradicional de ensino e desenvolveu o conceito de *trabalho*, que seria a tarefa essencial da pedagogia à medida que fosse acessível, produtivo e formativo às crianças. Aproximando esse quadro ao contexto brasileiro, é possível citar o episódio *Joãozinho da Maré,* de CANIATO (1989) que diz que, para as classes populares, a escola estimula a passividade e a perda da curiosidade, da vontade de aprender; que a escola domestifica e não educa para a vida.

> Nossas escolas treinam e desenvolvem muito mais as faculdades *sentantes* que as faculdades pensantes de nossas crianças. Treinamos e formamos *sentistas*, de tanto sentar e ouvir, sem agir. (p. 39)

Para a questão do ambiente natural como o viés de equilíbrio da vida, Freinet (1998a) defende que não pode haver escola sem natureza. A proximidade com o ambiente que é natural ao homem, tomando-o como animal de instintos, promove harmonia entre os sujeitos e o mundo cultural em que estão inseridos e que depende de suas relações para frutificar em gerações justas, solidárias, cooperativas, autônomas, saudáveis e felizes.

Foi apresentada pela UNESCO (1999), a obra *Educação- um tesouro a descobrir,* que apresenta como sendo os quatro pilares da educação contemporânea, *aprender a conhecer*, em que se deve adquirir competências e habilidades para a compreensão e construção de conhecimentos; *aprender a fazer*, em que se deve preparar a criança para o mundo do trabalho, despertando seu valor e estimulando a criatividade; *aprender a viver juntos*, incentivando a solidariedade e a cooperação; e *aprender a ser* em que conceitua-se que a educação de todo ser humano deve pautar-se em sua complexidade, pelo corpo e pelo espírito, inteligência e sensibilidade, em sentido estético e responsabilidade pessoal, ética para construir seus próprios conceitos e juízos de valores para ser preparado para a vida. A preocupação com a educação humanizada a serviço da vida, portanto, mostra-se atual. E acredita-se neste trabalho que as idéias de Freinet não apenas estão de acordo com os quatro pilares, mas, enquanto pioneiras nesta perspectiva, se tornaram primordiais para a efetivação da verdadeira educação.

Esta pesquisa, atribuindo significativa importância à Pedagogia Freinet, pretendeu refletir a relação teoria e prática desta enquanto referencial teórico de uma instituição privada e urbana a fim de compreender que embora se apresente em contextos adversos aos que fundamentaram a própria elaboração da pedagogia freinetiana, o que lhe fundamenta são os conceitos de humanização que lhes são inerentes.

Para tanto, essa pesquisa foi desenvolvida no município de Rio Bonito, no estado do Rio de Janeiro, tendo como lócus selecionado a Escola Criar. Justifica-se a seleção visto que foi a escola em que estudei da educação infantil ao sétimo ano do ensino fundamental e ao iniciar minha graduação no curso de Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores da UERJ em São Gonçalo fui rememorando e identificando na minha infância vivida nesta escola aspectos da Pedagogia Freinet. A fim de afirmar tais deduções, que ainda se constituíam mais como intuições do que como certezas absolutas, enquanto a UERJ estava em greve no período de abril

a julho de 2006, fiquei como estagiária nas turmas de pré-escolar, experiência que confirmou as percepções iniciais e incitou a necessidade de refletir a Pedagogia Freinet enquanto respaldo teórico de uma instituição privada e urbana.

Apresenta-se como foco a educação pré-escolar, de acordo com a LDB (9394/96) no atendimento, então, de crianças entre três e seis anos de idade.

Reafirma-se então as pretensões desta pesquisa que se inclinam para os sentidos da pedagogia freinetiana. Isso significa uma educação voltada para a vida, uma escola baseada na alegria de aprender, na ousadia e na criatividade. Legitima-se aqui, a escolha da Escola Criar como estudo de caso, não apenas pelo nome que em si indica a referência à Pedagogia Freinet, mas pela experiência pessoal de ter estudado e ter sido estagiária em turmas de educação infantil na mesma. Portanto, não seria essa pesquisa, pessoalmente, mais encantadora se não fosse realizada na Escola Criar, em que estudei, onde vivi a experiência e aprendi bastante sobre ser professora, e onde construí a direção desta pesquisa.

Por fim, a partir de duas características fundamentais da Pedagogia Freinet: a escola pública e em meio ao ambiente natural, esta pesquisa pretende discutir o uso da referida pedagogia em uma instituição privada e urbana. Para tal, a estrutura da mesma subdivide-se em três partes: a primeira focada em Freinet e seus principais conceitos; a segunda ocupa-se da especificação da referida pedagogia na educação pré-escolar e a terceira voltada à escola que configura este estudo de caso e ao desenvolvimento desta pesquisa, realizada através de entrevistas ao corpo docente da educação infantil, à coordenadora e à diretora, somando-se ainda observação nas salas de aulas onde a ação pedagógica acontece.

Capítulo 1: O que queria Freinet: essências de sua pedagogia

A educação não é uma fórmula de escola, mas sim uma obra de vida.

A essência da Pedagogia Freinet pode ser explicitada pela citação acima. Formar para a vida seria o sentido da verdadeira educação, a escola não mais deveria se manter à parte do que acontecia fora dos seus limites físicos. Para Freinet, a escola deve assumir-se subordinada à vida*, "deve ser ativa, dinâmica, aberta para o encontro com a vida, participante e integrada à família e à comunidade – contextualizada enfim, em temas culturais."* (FREINET, 1996b, p.07)

Sob tal perspectiva, descobre que pelo envolvimento afetivo da criança às experiências que a encaminham ao conteúdo, a aprendizagem se torna mais prazerosa. A criança precisa encontrar, pois, na escola, a continuação da sua própria vida e não outro mundo, diferente, cheio de horários e deveres, repleta de conteúdos que não lhe fazem sentido algum.

Sobre como deveria ser a escola que promoveria a verdadeira educação, Freinet completa:

> *Nessa escola, a aquisição de conhecimento deve processar-se de maneira significativa e prazerosa, em harmonia com uma nova orientação pedagógica e social em que a disciplina é uma expressão natural, conseqüência da organização funcional das atividades e da racionalização humana da vida escolar .* (FREINET, 1996b, p.07)

Essas idéias podem ser sintetizadas pela perspectiva de que a Pedagogia Freinet centra-se na vida, no trabalho e na ação humana proporcionando mais do que inserção da criança na sociedade, fazendo-a construtora prática da realidade histórico-social, porque tem como objetivo a humanidade. Educar pela referida pedagogia é preparar a criança para fazer a sua vida, tornar-se homem capaz de cumprir o seu destino (FREINET, 1974, p.135).

As experiências de Freinet frente à escola, a educação de crianças do povo, lhes comprovam o credo de que havia necessidade urgente de a escola mudar e ser viva, onde *"as portas e as paredes deixavam de ser barreiras,* [onde] *a vida entrava*

para dentro da classe junto com a luz do sol[1]*";* de ser centrada na criança e que tivesse profunda preocupação com a formação individual e coletiva da mesma. A concretização da sua pedagogia a partir desses princípios só foi possível pela ordenação da relação teoria e prática num processo de constantes movimentos que se estabelecem num campo: a própria vida. O seu projeto pedagógico, portanto, refletido a partir de suas experiências, teve como desafio inicial sua prática docente.

Devido a tal fato, Freinet prioriza a prática, a ação sobre o pensamento teórico, produzindo assim uma pedagogia de movimento, sendo este dialético porque na sua pedagogia *"a teoria decorre da prática e ao mesmo tempo a gera".* É então um movimento que as une indissociavelmente.

Com tantos desfechos que a reflexão teoria-prática poderia apresentar, esta pesquisa buscou focar, nesta questão, a face do professor-teorizador. O itinerário de Freinet nos leva diretamente ao foco, porque não construiu uma teoria e sim uma pedagogia, que foi o resultado do seu engajamento docente. Ao longo do tempo, no quadro educacional, o que se construiu foi o costume da visão de elaboração teórica como responsabilidade e função dos pensadores, os quais não raras vezes, estão distantes no tempo, na cultura e das possibilidades das ações pedagógicas; e na visão do professor como o aplicador das teorias.

Freinet, com sua pedagogia, mostra que a relação entre teoria e prática pode se dar partindo da ação do professor; a exemplo, ele próprio foi um docente que elaborou uma teoria própria, embasada em práticas que estavam profundamente ligadas ao cotidiano da sua classe. Posição que faz da teoria de Freinet uma verdadeira pedagogia, como explica Oliveira (1998).

> *o que vemos, então, na evolução de Freinet, é que a construção paulatina de uma práxis onde prática (pedagógica e militante) e teoria se questionam constantemente uma a outra e impulsionam um movimento dialético que não pode parar, se cristalizar. Talvez uma das características mais marcantes da Pedagogia Freinet seja esta: longe de ser um "método" codificado ela é, antes de tudo, uma pedagogia do movimento.* (p.49)

Exigência desta nova práxis que propõe, é a tomada de consciência dos educadores que devem refletir sua responsabilidade e autonomia como capacidades para fazerem frente aos poderes políticos e às divergências sociais. Isso significa

[1] Freinet: evolução histórica e atualidades, p.21

que a sua pedagogia enquanto teoria só pode ser real, efetiva a partir das práticas vivenciadas; só através delas é que se pode compreender a pedagogia freinetiana.

O que fica de essencial no pensamento de Freinet é o que aproxima a escola da vida e do trabalho na educação do povo. Em resumo, nas obras de Freinet a palavra 'vida', assim como a palavra 'trabalho', são talvez as mais utilizadas. Freinet não reivindica a paternidade dessas *"verdades de sempre", mas* considera que sua contribuição foi a de *"ter dado, na prática, vida a essas verdades".* (CABRAL, 1978, p.42)

Isso também auxilia a compreensão da proposta desta pesquisa, pois a utilização da palavra trabalho diz respeito à dimensão da atividade produtiva para uma escola que visa transformação, a escola pública de educação popular para as crianças do povo. A palavra vida condiz com a natureza, humana e ambiental, confirmando a essência da sua proposta pedagógica e instigando a reflexão dos desafios e possibilidades que provavelmente surgirão quando a Pedagogia Freinet é adotada em uma escola que se apresenta no contexto econômico elevado e no social, urbano.

Em síntese,

> *Freinet concluiu que o sistema tradicional de ensino realiza um expediente anormal, pois parte da intelectualidade, usando dados da ciência abstrata, citando teorias, para que os alunos cheguem, se conseguirem, à prática. O expediente normal, segundo Freinet é exatamente o caminho contrário (...). Restabelecer o caminho normal do conhecimento é a proposta de Freinet...* (SHIMIZU, 2004, p. 19).

Assim, pela pedagogia que propõe a finalidade da educação deverá ser uma sociedade onde a experiência e o trabalho terão o seu lugar (FREINET,1971).

1.2 – A defesa da escola popular

Ao longo de sua vida e de seu engajamento político, Freinet (1996a) teceu posição crítica ao modelo tradicional de educação, especialmente ao sistema público. Para ele, este era o meio mais eficaz de reprodução das desigualdades de uma sociedade de classes.

A partir da consciência político-social adquirida, propôs uma pedagogia que na prática contaria com minuciosas técnicas que promoveriam a libertação das

crianças da massa. Para ele, a burguesia tentou forjar uma educação neutra, que nada teria a ver com a manutenção dos resultados desiguais do crescente processo capitalista; porém, acreditava, no que diz respeito à educação, que a neutralidade é impossível. Com o triunfo do capitalismo, as escolas públicas voltadas para a educação dos filhos dos operários não tinham como objetivo elevar o povo, mas sim instruí-lo para a realização racional e eficiente das obrigações que o sistema lhes impunha, para que reproduzissem futuramente com máximo de competência as funções já realizadas por seus pais.

O capitalismo em ascensão produziu concepção distorcida de democracia, pois a lógica do capital, em processo atuante de consolidação, gerou relações de dominação e competitividade entre os homens. Assim,

> *Freinet vai tomar consciência do papel que o ensino público desempenha no reforço da dominação, e sua luta passa a ser, então, em favor do que ele chama "a escola do povo", de uma escola que participe da luta por uma mudança radical das estruturas sociais.* (OLIVEIRA, 1995, p.97)

Ao aparentar neutralidade, a escola tradicional tenta se desligar das divergências existentes na sociedade do capitalismo, mas afasta-se também, inevitavelmente, da vida, promovendo uma educação para formar alunos e não cidadãos conscientes. Mas nas palavras de Freinet (1996a, p.15), ele afirma que

> *a escola nunca está na vanguarda do progresso social. Ela pode estar em teoria – o que nunca basta – mas, na prática, sua plenitude está por demais condicionada pelo ambiente familiar, social e político, para que possa desprender-se dele no sentido de uma hipotética libertação autônoma.*

A escola sob tal perspectiva adapta-se ao modelo social, político e cultural da sociedade na qual se insere e pela qual é dominada. No caso da escola tradicional, o sistema capitalista determina diferentes tipos de educação para as diferentes classes, reproduzindo a hierarquia social que se estabeleceu a partir de pressupostos econômicos, com intenção de mantê-la forte, porém de forma sutil; ou seja, com seus métodos, pretextos e objetivos implícitos, considerou que seria de mais gozo tirar a criança de seu meio natural, de suas experiências, enfim da vida que lhe educou, para submetê-la à escola autoritária , racional, hierárquica e fria

"como a ciência da qual queria ser o templo". (FREINET, 1998b, p.104) Freinet entende que a escola tradicional não forma para a vida e que ela ilude haver necessidade, em nome da ciência, de educação formal baseada numa concepção utilitária de cultura. Essa escola imersa numa sociedade de classes,

> *sob o pretexto de ser uma "morada de paz" um instrumento de pacificação, ela se isolou totalmente da vida, a qual é feita de esforços e lutas... Longe de aproximar a criança da vida, tudo foi feito ao contrário, para pô-la em desacordo com esta. Aos filhos de trabalhadores inculcou-se uma ciência sem fundamentos pedagógicos e sem objetivos.* (OLIVEIRA, 1995, p.104)

Trata-se de perceber que na pedagogia Freinet a educação é em essência e em prática ação política, e deve inspirar-se na sociedade que se deseja obter e no caráter de homem que se deseja formar. Ela objetiva a formação humana crítica, colaboradora e criativa no âmbito de uma sociedade comprometida com seus contextos, que realiza trabalhos produtivos que realmente tenham função na dimensão social coletiva. Em contraponto, a educação formal que resume as crianças a alunos, ensina os futuros homens a serem passivos, individualistas e competitivos e transforma a escola em local de trabalho alienado.

Freinet dedicou parte significativa de suas obras denunciando essa educação autoritária, que considera ato violento à formação para a vida das crianças do povo. Como nos aponta Oliveira (1998, p.49)

> *Inúmeros são os inscritos em que Freinet denuncia este lento massacre, que aos poucos, faz de uma criança viva, esperta e curiosa um ser entediado, e, na melhor das hipóteses, um ser conformado em passar horas e horas, durante dias a fio, a maior parte de sua vida, estudando , como se diz, "para mais tarde", ou, na realidade, como denuncia Freinet, para passar na prova, para aprender a obedecer, sem discutir ordens absurdas, para conformar-se ao seu futuro papel subordinado na sociedade.*

A escola tradicional é técnica, centra-se nos conteúdos pré-estabelecidos pela organização escolar. Freinet ao repensar o sentido da educação e formação das crianças de massa, estabelece concepções acerca de uma escola para o povo. Essa escola moderna não poderia manter a formação passiva e formal que vinha descrevendo o contexto educacional, de acordo com Freinet, pedagogicamente

condenado, crente de necessidade de aquisição hierárquica de conhecimentos. A ela cabia o auxílio para que as crianças se realizassem através da atividade construtiva. A educação para o povo dá-se, então, pelo trabalho.

1.2.1 Educação para o povo pelo trabalho

> *A cada geração o seu destino e as suas dores. Devemos armar os nossos filhos para a luta heróica e difícil que os espera. E eles vencerão (*Freinet, 1974, p.97).

De certo, é a crítica de Freinet à escola tradicional que consolida sua proposta de educação popular, escola do povo e educação pelo trabalho. Esta crítica é oriunda da comprovação, segundo Oliveira (1995), de sua ineficácia, seu artificialismo, sua degradação, seu idealismo e conservadorismo político. Porém, foram os dois últimos que fortaleceram a concepção freinetiana de que era necessário mudar concretamente a escola. Era assim preciso "*transformar as circunstâncias, modificar materialmente a educação para que dela surjam homens modificados, ou melhor, em modificação."* (OLIVEIRA, 1995, p. 145).

A mudança circunstancial não é para Freinet conscientizar os alunos para que eles evoquem uma revolução. Ao contrário, era sim mudar os materiais condutores da ação pedagógica, porque a partir dessa mudança seria possível efetivar nova práxis, que culminaria na consciência libertadora dos professores, alunos e do povo.

A palavra transformação na Pedagogia Freinet está intimamente associada à idéia de liberdade, pois para o pedagogo aqui estudado "*não existe liberdade abstrata, anterior a inserção do indivíduo no mundo. Só existe liberdade em se fazendo, em se construindo, numa situação concreta de vida".* (OLIVEIRA, 1995, p. 147)

Para ser livre da subordinação social, política, econômica e da ocultação da verdade no ensino técnico da escola pública tradicional, os filhos das classes populares devem primeiro ter a oportunidade de dizerem como compreendem o mundo para depois poderem usar suas próprias reflexões como armas para a libertação. *A libertação não virá porque a ciência preestabeleceu que ela virá. A libertação se dá na história e se realiza como processo...* (FREIRE, 2003, p.92)

As palavras de Paulo Freire citadas expressam o sentido do pensamento freinetiano que acredita que só um trabalho socialmente produtivo será capaz de

promover no gerúndio da história – acontecendo – a educação libertadora, em que o povo realiza-se enquanto homens em contato profundo com sua natureza, equilibrados com a capacidade de viver em coletividade. Portanto, não se promove a libertação com lamúrias aos erros do passado, tão pouco com expectativas a um futuro inevitável. É no agora, na construção da história permitida aos homens de hoje realizar, que a educação pode libertar as crianças oriundas da massa, para que elas, futuros homens, usufruam da formação que tiveram para a vida individual e coletiva, baseada no sucesso, no êxito, na solidariedade e no bom senso.

Portanto, é possível afirmar que a essa visão "*... mecanicista da História que guarda em si a certeza de que o futuro é inexorável, de que o futuro vem como está dito que ele virá..."* (FREIRE, 2003, p. 97), que Freire e Freinet se complementam na crítica a essa posição 'naturalizada' do capitalismo, pois nega as possibilidades de transformação, e mais, nega o poder que a educação, por ser nas concepções dos autores destacados, político-social, tem de libertação. Para ambos, a natureza do homem se constrói na história "não como um a priori da história" (FREIRE, 2003, p.95). Desta forma, a pretensão de Freinet para efetivar uma verdadeira educação para o povo perpassava pela idéia de trabalho.

> *O valor do trabalho, sob o ponto de Freinet, faz possível um retrocesso à lembrança de que o conteúdo concreto da luta entre ancestrais com a natureza foi e continua sendo o trabalho. O trabalho, ao mesmo tempo em que transformou a natureza, transformou o homem. (...) A mudança qualitativa de animal para homem foi conseguida por meio do trabalho.* (SHIMIZU, 2004, p. 55)

A esse princípio de sua pedagogia, Freinet alerta que

> *... isso não significa que se utilizará o trabalho manual como ilustração do trabalho intelectual escolar, nem que se imprimirá uma orientação no sentido de um trabalho produtivo prematuro, nem que o pré-aprendizado destronará, na escola, o esforço intelectual e artístico. O trabalho será o grande princípio, o motor e a filosofia da pedagogia popular, a atividade de que decorrerão todas as aquisições.* (FREINET, 1996a, p.11)

O trabalho definido por Freinet é a própria inserção do educando a sua realidade através de atividades construtivas e não alienantes. A função deste enquanto princípio pedagógico da educação popular é preparar a criança para o seu destino de homem e de trabalhador ativo.

Freinet vê na criança um ser humano

> *...que se faz pelo trabalho criador, isto é, por um trabalho necessariamente dotado de utilidade social, produtor de valor de uso real. Nesta perspectiva, a escola não é preparação, como na concepção clássica e sim, desde já, vivência de uma inserção social concreta.* (OLIVEIRA, 1995, p. 94)

Através da educação pelo trabalho a escola constrói sentido adverso àquele de local de educação que tem um fim em si mesmo e passa a ser uma *"célula de vida".* (FREINET, 1998b, p.88). Isto significa também dizer que a criança tem necessidade vital de trabalho, ou seja, há na natureza infantil *"uma necessidade orgânica de usar o potencial de vida numa atividade ao mesmo tempo individual e social, que tenha uma finalidade perfeitamente compreendida, de acordo com as possibilidades infantis" .*(FREINET, 1998b, p.189). A atividade construtiva respeita o desejo natural, e vital, que a criança tem de se superar, de obter êxitos.

Quando o trabalho socialmente produtivo é permitido à criança, ela parte para conquistar o mundo, pois é pelo trabalho que *"satisfaz suas grandes necessidades fisiológicas e psíquicas, para adquirir a força que lhe é indispensável para a realização do seu destino".* (FREINET, 1996a, p.28). Nesta perspectiva, a escola para o povo teria que ser, fundamentalmente, um local de produção, o qual Freinet comparou a um canteiro de obras. Porém, mais que educação pelo trabalho, compreendeu que para o povo a educação é trabalho, pois só ele permite que os homens, enfaticamente os do proletariado, ao modificarem o ambiente, não só estariam satisfazendo suas necessidades vitais, mas concomitantemente estariam transformando a si próprios (individual e coletivamente) e se educando para a vida.

Os esforços em busca de uma verdadeira educação para as classes populares tiveram como principal objetivo a formação de uma sociedade melhor, com a perspectiva de que nela *"toda e qualquer forma de exploração do homem pelo homem tenha sido abolida"* (SAMPAIO, 2002, p.49)

> *A luta de Freinet foi a de abrir a escola às pessoas do povo, convidando-as a construírem juntas, com tijolos, paixões, sentimentos e suor uma escola para o povo, mesmo sofrendo a mais extrema falta de recursos, tendo, porém como estímulo à liberdade.* (SAMPAIO, 2002, p.66.)

Era, e permanece sendo, direito das classes populares uma educação digna e transformadora. O trabalho alienado garantia o reprodutivismo social, ou seja, mantinha a sociedade dividida por classes economicamente estabelecidas. A mudança, no entanto, não dependeria exclusivamente dos docentes e alunos, mas de todos aqueles que trabalhavam subordinados ao sistema hierárquico do capitalismo. O espaço da transformação possível também estava disponível para toda a massa do povo. É importante, porém, dizer que Freinet não excluiu os filhos dos ricos da sua escola do povo; ele exige, somente, deles e de seus pais, que se coloquem a serviço do povo, e que entrem verdadeiramente nesta "comunidade racional" que serve cada indivíduo na medida em que ele a serve. (CABRAL, 1978)

Sendo ampla, mas não por isso vaga, a concepção de povo segundo Freinet aborda os direitos e deveres das pessoas que fazem parte desse grupo economicamente menos favorecido: crianças, pais, professores, etc. Aqui cabe ressaltar que as crianças têm como direito fundamental viver plenamente sua infância; libertar-se pelo trabalho produtivo, para que quando adulta culmine no equilíbrio harmônico de suas naturezas: social e individual.

Por fim, em síntese, a defesa de uma escola pública popular ou para o povo decorre, obrigatoriamente, das atividades construtivas. Atribuindo-nos das reflexões de Cabral (1978), concordamos que "*em Freinet é fácil mostrar que a técnica essencial da educação consiste em dar aos alunos o desejo e a possibilidade de realizar um trabalho real, um trabalho socialmente produtivo (...)".* (1978, p.70)

1.3 - A natureza infantil, os ambientes natural e urbano: uma reflexão do método natural.

De qualquer modo, um facto é certo, e será o ponto de partida da nossa preocupação educativa e humana (...): a vida existe. (FREINET, 1971, p. 23)

Para dar início à discussão proposta, é fundamental a importância dada por Freinet à vida, enfatizando suas origens, seus sujeitos, possibilidades e barreiras. Palavras de Freinet explicitam que *"a vida é algo mais sutil e evoluído que as descobertas da ciência"* (ELIAS, 1997, p.63). *"A vida é"* (FREINET, 1998a, p.9) e não se pode contestar esse fato.

Criticando teorias filosóficas e sociais por obscurecerem a importância da via natural da aprendizagem, Freinet questiona o valor que a vontade de viver (não) adquire à medida que o pensamento científico se sobrepõe a ação, à experiência, à construção coletiva de vida. Assim, salienta criticamente que essa postura científica-intelectual se coloca hierarquicamente superior à aventura da vida *"como se não fosse um destino suficiente nobre realizar [viver] em si mesmo e em colaboração com outros homens, a sua parte de trabalho, beleza e harmonia"* (FREINET, 1998a, p.11)

Somando-se às idéias anteriores, Freinet determinou como uma de suas idéias-forças a defesa à escola em meio natural. Tal posição construiu-se a partir da sua própria experiência de vida em que podem ser destacados três elementos fundamentais. Primeiro a sua infância livre no vilarejo de Gars, na França, que o manteve em contato com a natureza, portanto com seus recursos e possibilidades e também com as barreiras naturalmente impostas por ela. Segundo, pela sua experiência de aluno de escola tradicional, que *"não o marcou nem para bem, nem para mal"* (ELIAS, 1997,p.20), levando-o a refletir o papel e influência da escola na vida extra-escolar do educando. Outro elemento a ser destacado é a sua experiência enquanto professor primário que reconhecia o desinteresse dos seus alunos pela sala de aula ao perceber que os *"olhares dos meninos atravessavam as janelas e acompanhavam o vôo dos pássaros ou das abelhas zumbindo e batendo nos vidros das janelas empoeiradas"* (SAMPAIO, 2002, p.151).

Articulando suas experiências com a defesa de uma escola pública para o povo, Freinet repensou o sentido da educação, e para efetivar uma nova semântica, seriam imprescindíveis novas práticas. Portanto, Freinet elaborou uma mudança metodológica.

A desmotivação evidente dos seus alunos pela sala de aula, pelo método tradicional, fez com que Freinet decidisse levar seus alunos para onde queriam estar: fora da sala de aula. Passou a organizar, então, o que chamou de aulas passeio, dando início ao método natural.

1.3.1 Método Natural

Embora esse princípio da pedagogia Freinet seja denominado como método, o 'destrinchar' de sua concepção confirma a necessidade que tem de ser específico

para cada criança. O que apresenta é uma definição conceitual e fundamentos que configuram a Pedagogia Freinet como uma pedagogia de movimento. Em síntese, o método natural é uma forma de integrar a educação à vida, aproximando sociedade e escola e relacionando a vivência coletiva e individual das crianças. Baseia-se em dois fundamentos básicos: o tateamento experimental e a livre expressão.

> ...*Todo ser vivo... [está] a crescer, a adquirir um máximo de potência, a expandir-se e a transmitir-se a outros seres que constituirão o seu prolongamento e continuidade. E tudo isto sem ser ao acaso, mas segundo as formas de uma especificidade inscrita no próprio funcionamento do nosso organismo e na necessidade de um equilíbrio sem o qual a vida não poderá realizar-se.* (FREINET, C. 1977, p. 24).

A criança tem uma vontade natural de correr, ser criativa, trabalhar; portanto, é a partir dessa natureza que se deve pautar toda a educação. Não há outra forma de a criança aprender a falar senão falando, assim, se dão também as aprendizagens requeridas pela escola. A criança só se apropriará do conhecimento (dos conteúdos pré-estabelecidos) se viver a experiência pessoal e concreta das ações, se lhe for permitido e oportuno tateá-las. Célestin Freinet entende que *"a educação precisa seguir os passos da vida, adaptar-se a ela para suscitar seus valores mais ricos, capazes de desenvolver a personalidade da criança, preparando-a para o futuro."* (ELIAS, 1997, p.40)

Desta forma, o método natural proposto e praticado por Freinet parte do principio de que "*a criança só aprende a falar, cantar e pensar, se estiver sempre falando, cantando e pensando, em suma, trabalhando livremente, de acordo com a sua personalidade".* (FREINET, 1977, p.67)

O método natural estimula a elevação do ser, o desenvolvimento da personalidade infantil, recorre à autonomia, à liberdade e à afetividade ao mesmo passo que as fortalece. De acordo com Freinet, esta metodologia se baseia especialmente em duas necessidades vitais da criança: a necessidade de expressão e a necessidade de comunicação. A primeira refere-se ao desenvolvimento gradual das formas de expressividade da criança, que ocorre inicialmente por gestos, seguindo para o desenho e posteriormente pela língua escrita. A segunda, tratada por Freinet no método natural, é desenvolvida através dos diálogos entre a criança, os demais sujeitos da educação (companheiros de classe e professor) e com o

mundo, com a vida ao entorno dela, pela liberdade de voz que ganha numa escola em que a educação ocorre fundamentalmente centrada na criança.

> *A criança ao aprender engatinhar, logo estará a tentar os primeiros passos e, assim que os consegue já estará a saltar, trepar e correr. A criança ao dar seus primeiros balbucios, logo está a pronunciar as primeiras palavras, para em seguida tentar as primeiras frases. Esta motivação natural de aumentar o poder vital é encontrada na vida, na qual a criança a demonstra através de tentativas de experimentar.* (FREINET, 1977, p.31)

De acordo com Elias (1997, p.13), para Freinet *"a experiência tateante* (...) *é uma conduta natural*", ou seja, a criança tem necessidade tão vital quanto respirar, de aventurar-se na vida, de entregar-se às experiências, de viver intensamente. Significa dizer que precisa construir sua personalidade no ambiente que lhe favoreça a construção reta, sem desvios; que permita a elevação do seu potencial e que auxilie o desabrochar constante para que alcance seu destino de homem em uma sociedade justa e solidária.

Entende-se o desabrochar como realização esplêndida do destino inserido na própria função do ser; que é o mesmo que potencializar a natureza infantil a se transformar, com expressividade, no que é o seu destino, a criança em homem individual e coletivo em harmonia. Efetivamente a potencialização do ser só será possível se a educação, antes de tudo, estiver a serviço da vida, subordinada às experiências infantis. E para Freinet, essas condições se consolidam preferencialmente no ambiente natural.

> *Por meio de tateios, a criança realiza uma trajetória científica, criando regras de vida baseadas na experiência e na vida, seguindo seu ritmo próprio (...) é a partir de suas próprias experiências no confronto dialético com o mundo que o educando construirá sua própria personalidade e proverá os elementos de sua própria cultura.* (PAIVA, 1996, p.14*)*

Pela pedagogia natural, como também é conhecida a Pedagogia Freinet, o aluno não constrói apenas sua formação escolar, mas constrói, fundamentalmente, sua própria vida, sua personalidade e o seu futuro mediante uma laboriosa experiência de tateamentos que deve ser o mais frutífera possível. Assim, o

processo de tateamento bem-sucedido se transforma em regra de vida que configura a elevação de potência da criança. (FREINET, 1998a)

Fortalecendo a significância que Freinet atribui à experiência tateada, afirma que ninguém pode comer por nós, ninguém pode realizar por nós a experiência necessária que nos levará a andar, ou a andar de bicicleta. Infeliz da educação que pretende, pela expressão teórica, fazer crer aos indivíduos que eles podem chegar ao conhecimento pelo conhecimento e não pela experiência, perspectiva que mostra que para que haja efetivamente uma educação inscrita na vida, comprometida em satisfazer as necessidades vitais da criança, é necessário que ela própria tateie, experencie e construa suas conclusões.

Outro princípio que fundamenta o Método Natural é o que Freinet chamou de expressão livre, que para o referido educador é a própria manifestação da vida. Sendo sua pedagogia centrada na criança, conferindo-lhe respeito e reconhecimento à sua natureza, suas possibilidades e potência, a livre expressão propiciou a ideologia de que a criança fosse capaz de expressar pensamentos que lhes fossem próprios. As idéias dos alunos de Freinet eram escritas, preparadas, reelaboradas, caso fossem necessários, e viravam textos, livro (Livro da Vida), correspondências e até imprensa escolar, modificando, assim, toda a atmosfera da sala de aula e a função dos conteúdos pedagógicos.

Através da expressão livre, seja pela escrita, desenho, dança, teatro, pintura, a criança se revela, se comunica, exprime sentimentos, conhecimentos, enfim expõe os elementos naturais da sua vida, que a caracterizam como um ser único. Para chegar às próprias descobertas, a Pedagogia Freinet pressupõe que a criança busque uma máxima intensidade de vida numa escola integrada no meio ambiente.

A fim de conhecer melhor motivos pelos quais Freinet estabeleceu sua defesa pela inserção da escola em meio ao ambiente natural e gerou os princípios do método apresentado, é preciso compreender que para ele o tateamento experimental e a livre expressão "*são o prolongamento da própria experiência pessoal; respondem a todas as exigências do indivíduo e, consequentemente, favorecem as aprendizagens. O ponto central do processo vital não pode ser um ensino sem vida."* (ELIAS, 1997, p.50)

Implicitamente a afirmação diz que pelo tateamento e pela livre expressão a criança mais que conhecer e se apropriar de conhecimentos, reage à vida, e a partir

dos êxitos construirá sua formação. Como completa o autor, [a criança] não tateia apenas para conhecer, mas para reagir aos acontecimentos com máximo de êxito.

A livre expressão seria, por conseguinte, o caminho por onde a criança poderia intervir nas situações reais, permitindo-lhe o sentimento de pertença e função no mundo, não mais a partir de uma concepção abstrata da sua natureza, mas a partir da consciência concreta que envolve o âmbito individual e coletivo e que promove a construção da sociedade com base na cooperação.

Ao tratar significativamente a natureza humana como princípio formador e também como objetivo primordial da verdadeira educação, Freinet faz com que o ambiente natural ganhe representatividade fundamental na sua pedagogia, sendo visto, pois, como via de experiências tateantes inesgotáveis e de elevação de potência do ser, na medida em que aproxima o homem natural de sua verdadeira origem, e configura o processo de aprendizagem como formação a serviço da vida. Compreendendo o devir humano, sendo este o equilíbrio harmônico entre a formação individual e social do sujeito, compreende a natureza humana como um processo que alcança sua máxima pujança à medida que se torna resultado de experiências bem-sucedidas ao longo do desenvolvimento infantil. Essas, segundo o pedagogo, ocorrem de maneira mais favorável no ambiente natural, ou seja, de acordo com Freinet, "*não há nada que seja mais benéfico às crianças do que a natureza, porque oferece uma gama inesgotável de recursos, ao mesmo tempo em que uma série de barreiras intangíveis que lhes dão a medida exata de suas possibilidades e de sua potência."* (1998a, p. 181)

Quando fala de recursos que a natureza possibilita, afirma que nela a experiência tateada não se esgota, e sendo motivada pelo interesse da criança e estando a serviço da vida, aumenta a potência vital infantil. Mesmo se a experiência não for bem-sucedida, a criança não viverá o fracasso radical. Há sempre [no ambiente natural] um recurso acessório possível, uma via de sucesso... Nunca solução de derrota ou desespero.

Freinet aborda concomitantemente aos recursos, as barreiras que a experiência tateada encontra na natureza, pois estará suscetível ás suas imprevisibilidades. Porém, a isto não é fixado impedimento da ação experimental ou situação de fracasso; Freinet entende que o ambiente natural proporciona o dinamismo da ação vital, permitindo à criança, desde a mais tenra idade, potencializar-se, ter consciência dos limites que não se pode prever ou impedir e,

por isso, encontrar outras vias de realização de seus tateamentos, balanceando, naturalmente, seu potencial de vida, suas possibilidades e capacidade de superação.

Assim, a natureza ambiental equilibra a natureza humana ao mesmo tempo em que o homem se torna mais racional quanto às ações que promove no ambiente; conscientes de possibilidades e limites, a criança se aproxima dos recursos-barreiras, que ora prevalecem como recursos, ora como barreiras, mas que, geralmente, são adaptáveis às necessidades infantis. Nas palavras de Freinet, "*a posição dos recursos-barreiras poderá variar com as exigências do meio, assim como com as possibilidades dos indivíduos, com sua potência de reação pessoal ou a ajuda que são obrigados a solicitar ao meio ambiente, para viver e crescer."* (FREINET, 1998a, p.134)

Na natureza, então, a escola e a educação não só estão imersas no ambiente natural, origem do homem, tomando-o como sujeito de instintos, mas estão a serviço da vida, formando antes de alunos, homens. A essa formação, Freinet salienta a importância da compreensão de que a natureza infantil é a mesma do adulto e que para potencializar-se em completude é necessário, um ambiente rico e auxiliante, em que [as criancinhas] possam entregar-se às experiências tateadas. Assim justifica-se a concepção freinetiana de que a primeira e principal característica humana é a vida e que, portanto, a primeira coisa a preservar e a desenvolver no homem é o que ele tem de comum com as plantas e os animais.

Avançando a perspectiva relacional entre as naturezas humana e ambiental, a Pedagogia Freinet valoriza o instinto do homem como uma técnica de vida consolidada de geração em geração numa educação significativa pela necessidade vital dos homens e pelas necessidades do meio natural. Bruscas transformações no ambiente causam equívocos nas relações humanas com o meio e afetam diretamente as espécies, especialmente a produtora de tais transformações. É fato que a história está vivendo fase acelerada do processo de modificação do ambiente, mas se este muda rispidamente, *a técnica de vida instintiva, já não se ajusta à satisfação das necessidades nas novas condições de vida (...). A espécie então corre o risco de ir se degenerando e de extinguir-se. Ou, por um esforço de adaptação que chamaríamos inteligente, (...) procurará um meio de remediar essa insuficiência (...).* (FREINET, 1998a p.23).

A proposta de Freinet é uma escola inserida na natureza, porque acredita ser o ambiente mais favorável ao desenvolvimento infantil. As diferenças educacionais no ambiente rural e urbano são pontos de discussão na Pedagogia Freinet, pois o autor os coloca em comparação com a natureza e formação humanas. Se para Freinet o ambiente natural favorece o resgate à natureza do homem e à elevação da potência de vida, o ambiente urbano, para as crianças, seria pobre demais para as exigências do seu desenvolvimento e formação (FREINET, 1998a)

> *Um tanque de água calma e uma caixa de areia são muito pobres como elementos da experiência tateada (...). Não é de se espantar que indivíduos reduzidos a essa aridez sejam obrigados a construir regras de vida particulares, baseadas nessa pobreza de experiências, que constituem uma preparação menor para o combate da vida.* (p.184)

Refletindo sob tais aspectos, Freinet transpassa a idéia de que a educação no ambiente urbano reforça a formação individualista, mantendo a sociedade dividida em classes, mantendo-a desigual. E que nele, considerando-o artificial e pobre, a criança não estaria formada para reagir com inteligência às barreiras que encontrará; não estaria potencializando o seu destino de homem, tão pouco, a formação da humanidade com base na cooperação. Neste sentido, a escola teria adestrado seus alunos, mas não os teria formado para o mundo; a escola, assim, teria um fim em si mesma, educaria tendo como fim suas limitadas exigências. No ambiente urbano, há para Freinet "*má distribuição dos recursos-barreiras, que provocam reações artificiais e regras de vida dissociadas do meio natural, desordens, choques, tolhimentos, que se traduzem pelo sofrimento, por gritos e choros."* (FREINET, 1998a p.183)

Inevitável aos dias de hoje, o processo de urbanização se consolidou e tornou a cidade local de vivência mais optado pelos homens. Assim, o melhor caminho é levar aos espaços urbanos o máximo de recursos naturais para que o citadino, desde pequeno, se familiarize com a sua própria natureza de homem instintivo, social e coletivo e supra a necessidade vital que tem de desenvolver a potencialidade que lhe é inerte. Nesse sentido apresenta seu conceito de *reservas.*

Freinet (1998a) aborda a exigência de as cidades, em constante transformação industrial, preservarem a criança, como se fosse uma espécie em

extinção. Já foi dito que transformações avassaladoras no meio podem degenerar ou extinguir as espécies. Se o homem sair do seu ambiente natural, ou se este for bruscamente modificado, a solução ou as possibilidades de escolha são, segundo Freinet (1998a), adaptar-se ou morrer. Para que não ocorra tal extinção, aponta para a importância da criação de *reservas de infância.*

> *Algo como um grande parque silvestre, com os elementos essenciais da vida (...): um rio, areia, uma colina se possível, com rochedos e grutas, árvores, árvores de verdade, com animais que fujam à nossa aproximação e que nos estimulem a alcançá-los, com ninhos e pássaros. E com a natureza cultivada, também, adaptada pela ciência e pela experiência do homem, a natureza domada com seus pastos, seus trigais, cuja cor cambiante marca o ritmo inelutável das estações, seus legumes, suas flores, seus animais domésticos, suas fazendas*. (p.185)

Os estudos freinetianos também afirmam que um citadino tem sua natureza forjada devido à sua educação se dar num ambiente tomado pelo artificialismo, pelas desigualdades e pelo desequilíbrio da vida. O indivíduo habitua-se a esses condicionantes, *"mas não sem se evitar prejuízos, porque o subconsciente (...) fica afectado de uma maneira indelével."* (FREINET, C. 1974, P.36).

No ambiente urbano, *produziu-se uma defasagem perigosa entre todos (...) [os] elementos essenciais que se acreditou poder eliminar e as tentativas aventureiras de uma ciência, de uma cultura, nas quais nem tudo é falso, mas constituem como que uma ruptura do equilíbrio*... (FREINET, 1998b, p.68)

Freinet demonstra, pelas palavras aqui referendadas, que as transformações no ambiente, ou o que se chamou progresso, distorceram o que, de fato, são elementos da vida. De forma simplificada, as avassaladoras mudanças vindas com a evolução científica produziram o desequilíbrio da natureza humana. A conseqüência desse processo é que *o resultado é, pelos menos, uma grande desordem, um emaranhado perigoso de falsas manobras que contribuem em grande escala para o desequilíbrio da infância e da juventude.* (FREINET, 1974, p. 11)

Para Freinet, esse desequilíbrio é produto de um processo que acreditou e que transformou a cidade em ambiente de vida e moradia, afastando o homem de seu ambiente de origem, da história, formação e educação que satisfizeram, até então, as exigências de sua espécie. Não apenas num âmbito geral de condições de

sobrevivência, a aglomeração de indivíduos no ambiente urbano modificou de forma prejudicial à criança as condições da vida familiar.

Sendo os espaços livres para as experiências infantis defasados e quase inexistentes no ambiente urbano, entende-se que nele *"a criança já não pode dedicar-se a nenhuma das actividades que lhe são essenciais e que constituem a base natural da sua formação."* (FREINET, 1974, p.13). Outro viés que embasa a crítica de Freinet ao ambiente urbano fala das condições de mães e pais que trabalham: longe de casa, ocupando-se por muitas horas na jornada de trabalho, cansaço, exaustão. Desta forma, "*a criança fica abandonada a si própria por demasiado tempo, num meio perigosamente artificial, só acidentalmente se encontra em contacto com os pais e sempre fora da sua função-trabalho."* (FREINET, 1974, p. 13)

Conseqüência disto são retaliações ou mimos excessivos, ou ainda, a criança não reconhecerá o trabalho como uma de suas necessidades vitais e só se dedicará a ele por obrigação, o que o tornará alienante e o que culminará em formação e educação sem função social produtiva. O trabalho assim seria antinatural, porque o comportamento familiar teria determinado na criança essas regras de vida.

A partir de evoluções das suas obras, Freinet passa a explicitar, porém, vantagens da civilização contemporânea, como por exemplo, quando cita em Educação Pelo Trabalho (1998b) que considera que *de nada adianta pregar o retorno a prática, a um ritmo de vida que não são mais possíveis, porque existem condições materiais, econômicas, sociais que evoluíram de maneira decisiva, e porque teremos, quer queiramos quer não, que levar em conta esta evolução.* (p.101).

No entanto, Cabral (1978) nos esclarece que, apesar do conflito natural *versus* artificial estabelecido nas obras de Freinet, possíveis respostas quanto ao assunto só serão encontradas quando as reflexões recaírem não sobre sua teoria, mas sobre suas práticas.

Assim, para Freinet, em algumas situações, seria necessário recorrer ao artificial para encontrar o natural. Há na Pedagogia Freinet uma real confiança na natureza, mas sem a ilusão de negar totalmente o artificial. Porém, na inconstância do meio urbano, o homem enquanto espécie, enquanto sujeito de natureza instintiva, deve recuperar o equilíbrio, adaptar-se ou morrer. Para ele a natureza presta-se melhor à harmonia necessária, e "*jamais deveria haver educação fora da natureza,*

sem participação direta em suas leis, em seu ritmo, em suas obrigações." (FREINET, 1998a, p.188)

Capítulo 2: Pedagogia Freinet e a pré-escola

Explicitadas características essenciais da Pedagogia Freinet no capítulo anterior, neste pretende-se especificar as da educação infantil na concepção freinetiana. Vale-nos como pressuposto, sobretudo, que o *trabalho* e o *ambiente natural,* já explicitados, são, de acordo com Freinet, a base da formação das crianças pequenas. A importância deste nível de educação é ressaltada pelo próprio Freinet que por acreditar que não havia nele preocupação de escolarização, de aplicação de conteúdos pré-programados, talvez por isso, seja a etapa mais rica em experiências tateadas (livres) e em atividades produtivas, pois permite maior espontaneidade da criança.

A escola deve aproveitar o esforço livre e voluntário natural da infância. Essa é a causa que impulsiona a Pedagogia Freinet na educação infantil. Porém, antes de aprofundar a análise dos princípios básicos que norteiam a ligação entre a referida pedagogia e a pré-escola é imprescindível retomar, de forma mais complexa, a criança à luz de Freinet.

2.1 A criança segundo Freinet

> *A criança não é, no início, nem um ser passivo, nem uma marionete, nem uma cera mole extraordinariamente dócil (...). Já em seu nascimento, a criança é um ser rico de potencial de vida, que deve, para crescer e cumprir seu destino, satisfazer sua imperiosa necessidade de potência.* (FREINET, 1998a, p. 33)

A potência que nos apresenta Freinet é a necessidade que desde pequena a criança tem de exaltar a vida, portanto, a necessidade que tem de viver. Entretanto, estar viva não satisfaz e não eleva essa potência. É preciso que o indivíduo esteja em contato com experiências que lhe permitam equilibrar harmonicamente sua formação individual e social. Assim, *"a criança é ao mesmo tempo pessoa e cidadão em potencial*". (CABRAL, 1978, p.21)

Freinet determinou como primeira infância a etapa da vida que vai até os três anos de idade, e segundo ele, esta historicamente foi subestimada, no que se trata de preocupação educacional e psíquica, como se não houvesse manifestação consciente da criança nesta idade. Contrário a tal postura, atribuindo-lhe importância significativa, destacou a necessidade de uma abordagem pedagógica e psicológica e determinou ainda, que anterior à escola e para o sucesso nela, é imprescindível

uma educação familiar consciente dos novos objetivos para o comportamento e formação de crianças menores de três anos.

Se, então, pela Pedagogia Freinet a sustentabilidade da educação dos homens são seus comportamentos individuais e sociais, compreende-se o âmbito familiar como fundamental no processo formativo educacional. A escola teria, portanto, uma função secundária, mas não menos importante. Freinet concernindo-se a Pestalozzi diz que a criança "*é uma força real, viva, activa por ela própria, que desde o primeiro instante de sua existência age organicamente sobre o seu próprio desenvolvimento."* (FREINET, 1974, p. 39)

Apoiada em tal concepção a Pedagogia Freinet entende que o meio externo, seja familiar, ambiental, escolar, etc., determina e conduz as ações da criança, mas de forma subordinada à sua natureza, sob a qual não exercem poder. A natureza da infância é, pois, nesta pedagogia, a base da educação para a vida.

A criança para Freinet é "*como uma árvore que ainda não terminou seu crescimento, mas que se alimenta, cresce e se defende exatamente como a árvore adulta."* (SANTOS, 1996, p.34).

Formulou-se a partir desta concepção a primeira *invariante pedagógica,* espécie de códigos elaborados por Freinet que não variam que afirma a natureza comum entre homem e criança. Acreditava o autor que provida de humanidade, a criança é um *"ser afetivo, um ser inteligente e um ser social como o adulto"* (ELIAS, 1996,p.34) e que, portanto, não é um ser passivo a ser moldado, mas que interage e constrói a sociedade em que vive. De tal forma, passa a ser pela Pedagogia Freinet, finalidade da educação infantil o destino de homem em constante elevação potencial de cada criança, imerso numa coletividade. Em outras palavras, a proposta freinetiana tem como fim atender a necessidade vital da criança de *chegar "ao seu pleno desabrochar como um indivíduo autônomo, um ser social responsável, co-detentor e co-edificador de uma cultura."* (SAMPAIO, 2002, p. 213)

O lema da Pedagogia Freinet é, antes de tudo, respeitar a criança. Qualquer forma de educação deve tê-la como pressuposto enquanto ser humano em desenvolvimento; deve ter a vida e a humanidade como objetivos e a experiência, o tateamento, a livre expressão e o trabalho enquanto princípios formadores.

O indivíduo que atinge o máximo potencial de vida é *"aquele que não pára de tatear, de investigar, para tentar resolver a imensidade de problemas dos quais depende o seu destino."* (FREINET, 1998a, p.101). Como já dito, a escola e a

pedagogia tomadas como espaço e ciência educativos, têm papel fundamental nessa formação. Pensando-as, então, sob a teoria e as práticas de Freinet, a responsabilidade e reflexões tendem a extrapolar os limites físicos das instituições e fazer da vida a verdadeira educação ou o verdadeiro sentido educacional.

2.2 A educação pré-escolar freinetiana

O sucesso da educação pré-escolar antecede a inserção da criança na instituição pedagógica. Freinet destaca três etapas essenciais: a satisfação das necessidades fisiológicas (bom aleitamento, boa alimentação, ar puro, calor, luz, asseio); organização dos reflexos e das reações que são a base das regras da vida; e a organização das experiências tateadas. Freinet lembra que "*a satisfação inicial das necessidades da criança pequena é intimamente ligada à própria sorte da massa do povo..."* (FREINET, 1998a, p.177)

Por isso acredita que é de fundamental significância políticas públicas efetivas que visem à melhora – e transformação – das condições de sobrevivência das classes populares. Para os primeiros reflexos é imprescindível que as crianças gozem de boa saúde, que pais sejam aconselhados sobre os cuidados com seus filhos e que o meio ambiente entorno da criança seja propício às experiências. A terceira etapa ocorre ao passo que a necessidade vital de experimentação vai sendo organizada junto aos resultados positivos dos tateamentos, que beneficiam de forma incomum a formação da criança. O seu êxito escolar depende de seu meio familiar e ambiental, ambos anteriores à escola. Desta forma, "*permitir a experiência tateada da criança pequena em todos os domínios: é esse o grande segredo da primeira educação."* (FREINET, 1998a, p.179)

A criança solicita o mundo e não soluções provisórias às suas inquietações. A escola, desde a criança bem pequena, deve lhe proporcionar caminhos para que ela própria descubra o que realmente satisfaz suas necessidades vitais e mostrar-lhe que não há limite para suas conquistas. Jamais deve ser arbitrária e dicotômica porque a criança vive a dinâmica de um mundo onde, para ela, está tudo por explorar. Assim, não pode ser uma instituição que se preocupa exclusivamente como uma educação instrutiva, pois a fim de atender as necessidades infantis precisa compreender que a criança em idade pré-escolar necessita *"crescer,*

desenvolver-se, enriquecer a sua nova personalidade no conjunto harmonioso a toda educação bem orientada" (FREINET, 1974, p.80)

Na escola que tem como base a Pedagogia Freinet, a criança faz conexões entre a instituição e o seu mundo natural, e devido a essa continuidade, fundamental, em que a vida entra para a sala de aula, a postura da mesma muda frente à escola; reage de forma positiva a ela. *Quando a criança percebe que a escola continua a vida, vem para a aula com os olhos vivos, a boca confiante, as mãos cheias de riquezas que a fizeram parar pelo caminho.* (ELIAS. 1997, p.63)

Dar continuidade à vida da criança é a função da pré-escola. Lá deve encontrar a mesma linguagem pela qual se expressa e compreende o mundo. É equivocado o pensamento de que tais práticas sejam eivadas de ingenuidade e tenham caráter simplista. Ao contrário, exigem toda uma organização do ambiente e dos materiais, e exigem do professor comprometimento, responsabilidade e sensibilidade.

A sala deve ser organizada por centros de interesses ou 'cantos', os quais Freinet denominou 'ateliês'. Todo material deve estar disposto ao alcance das crianças. O espaço deve favorecer situações de coletividade, locais em que possam haver momentos de reuniões, conversas, trocas de experiências, contação de histórias... Para melhor acomodação das crianças, a disponibilidade de tapetes e almofadas propicia maior conforto nas atividades de leitura, por exemplo. Isso significa que a organização do espaço é essencial para promover a liberdade de movimentos, de ações e de escolha dos ateliês de interesses. O espaço bem organizado orientará a criança ao uso adequado e responsável dos diferentes 'cantos' para as atividades a serem realizadas.

Não se pode reprimir a necessidade que a criança tem de se expressar. Cabe à escola satisfazer a expressividade pelo desenho, pelas tentativas de escrita, pintura, arte... Ou não estará promovendo educação. Freinet *"defendia o desenho como um dos meios mais eficazes para se conhecer a personalidade infantil"* (SAMPAIO, 2002, p. 51) porque esta é a linguagem que a criança pequena utiliza para exprimir-se antes de aprender a se comunicar através da escrita.

À criança será permitido descobrir o mundo por ela mesma, e pela pedagogia natural e socialmente produtiva, se comunicar com ele, fazer intervenções e construí-lo. Sob essa perspectiva *"a criança começa a se abrir para o mundo e para*

os outros, ultrapassando o egocentrismo e começando os engajamentos sociais" (SAMPAIO, 2002, p. 197).

Formando-se para a vida, a criança deixa de pensar egoisticamente. Quando em cooperação, constrói o mundo da classe em sala de aula e percebe a veracidade e valorização que suas idéias têm na escola e na sua vida, ela se prepara para – e em um – mundo social e político melhor. "*Nas classes Freinet as paredes são vivas (...) vão se enchendo de desenhos, gráficos, painéis segundo os objetivos de cada grupo. Por esta razão as classes Freinet são sempre coloridas, organizadas e renovadas – um mundo feito pelos alunos."* (SAMPAIO, 2002, p.206/207)

A sala de aula na Pedagogia Freinet não é apenas um mundo realizado pelos alunos, é também reconhecido por eles, que vão adquirindo consciência da sua participação na cultura em que se inserem e que pode ser transformada a partir de suas experiências bem sucedidas. A pré-escola para auxiliar os êxitos deve ter, pois, consciência de que o comportamento escolar da criança depende do seu estado fisiológico e orgânico; de que assim, como o adulto, não gosta de sujeitar-se a um trabalho imposto por terceiros, alienado e alienante. Ela prefere o trabalho individual ou coletivo numa sociedade cooperativa, justa; e, ainda de que para levar a vida para a escola é indispensável a cooperação escolar, isto é, a gestão da vida e do trabalho escolar pelos sujeitos participantes, incluindo o educador.

A gestão da vida pela Pedagogia Freinet, como já expresso, é realizada pela própria criança através da formação livre, transformadora e conscientizadora em que a educação passa a ter sentido concreto de formação de personalidade individual e da sociedade igualitária. É nessa construção de indivíduo e humanidade em equilíbrio que o professor, consciente dos objetivos educacionais da escola moderna proposta por Freinet, pode intervir eficazmente corrigindo possíveis erros e desvios. A escola, antes de um ideal pedagógico, deve assumir um ideal humano.

2.3 O professor da pré-escola e a Pedagogia Freinet

Cabe aqui a reflexão sobre a atuação do professor numa classe Freinet. Para tanto, Mendes (1982) aponta a necessidade de o professor, ao adotar a pedagogia freinetiana, se espelhar na teoria, mas não obter dela interpretação tecnocrática, de uma fórmula pedagógica a ser aplicada, e que ao tomar freinet como teórico, mais

que suas técnicas, deve seguir seu engajamento reflexivo sobre a práxis a partir das práticas em sala de aula, em suas palavras diz que

> *o experimento, o dito e o escrito não são imutáveis. Os que esperam haver encontrado o caminho de uma nova prática pedagógica em Freinet, que lhe sigam o exemplo, mas tratem de ir buscar mais além, com sua própria reflexão, com a discussão, com as trocas de experiências, com a constatação de resultados.* (MENDES, 1982, p.61)

Ao elucidar suas técnicas e seus resultados, a Pedagogia Freinet traz princípios, aos quais os educadores devem se manter atentos, mas não pretende que os transformem em regras sistemáticas de um método fixo e arbitrário. É preciso que os professores indissociem suas ações pedagógicas da vida, porque ser um educador Freinet *"é viver plenamente todos os momentos do dia-a-dia, pois a escola é vida, a vida é escola."*(SAMPAIO, 2002, p. 177).

É a partir do seu cotidiano, das necessidades do meio e das crianças, que o professor-educador vai adaptar a Pedagogia Freinet às suas possibilidades. Além de buscar na vida a educação para as crianças pequenas se constituírem em bons homens, os professores devem refletir a própria prática, constantemente, e socializá-la com outros profissionais. Para a escola de amanhã, preocupada essencialmente com a formação humana, é necessário que o educador não se encerre nos limites de sua sala, ele *"deve trocar com os colegas as dúvidas, as incertezas, mas, também, a forma que encontrou para ajudar, precisar, enriquecer, complementar e respeitar o pensamento da criança, sem imprimir nele um rumo predeterminado."* (ELIAS, 1997, p.56)

Esse seria o início do projeto político-pedagógico da escola, logo da educação e conseqüentemente das práticas e relações sociais. É em concordância e dando credibilidade a tais utopias que Freinet diz que a liberdade pedagógica cabe aos próprios educadores, visto que eles devem buscar – e encontrar – soluções para a realização de um trabalho significativo, libertador, pois ele pode levar a criança ao desinteresse ou levá-la a ter sede de conhecimentos. Deste modo,

> *o educador pode ajudar a criança, motivando-a a agir, criar, realizar ou, simplesmente, impor seus métodos e a sua disciplina e passar um saber pronto que não chega a ser transformado pelo indivíduo*

> *em verdadeiro conhecimento. O conhecimento é necessário e os indivíduos procuram-no espontaneamente.* (ELIAS, 1997, p.78)

A procura é espontânea enquanto os alunos têm consciência de que ainda há experiências livres por fazer. Para tanto, cabe ao professor estabelecer planos de trabalho que possa encorajá-los a dizer suas concepções de mundo, e de fato respeitá-las. Para que haja real respeito às formas de expressividade da criança é imprescindível que o educador, consciente da natureza infantil, a conheça profundamente a fim de auxiliá-la no máximo desenvolvimento de sua personalidade face às necessidades do meio social no qual está inserida. Em resumo, na Pedagogia Freinet

> *um verdadeiro educador deve ser suficientemente sensível para acompanhar a construção do conhecimento pela criança (...). A postura do educador deve ser a daquele que possui conhecimentos mas sabe que são relativos. Sabendo que há diversas possibilidades a seguir, estará sempre atento aos seus alunos, acompanhando as suas aquisições naturais, participando de sua organização da classe, como membro do grupo, parceiro, orientador do aluno nas investigações.* (ELIAS, 1997, p.41)

O professor que efetivamente educa, facilita a compreensão da criança quanto ao seu valor próprio; possibilita-a satisfazer suas necessidades vitais, respeitando o ritmo de cada um dos educandos. O papel do educador é preocupar-se em auxiliar a formação da vida dos seus alunos buscando a própria vida, para que os resultados do seu trabalho sejam *"cidadãos, que amanhã saberão enfrentar a vida com eficiência e heroísmo"* (FREINET, 1996b, p.15), consolidando, desta forma, ações socialmente produtivas. Caso não sejam a vida, o destino de homem em potencial e a humanidade os objetivos da formação escolar, o professor não ultrapassará os erros da história da pedagogia.

Já foi dito anteriormente aqui que a criança precisa encontrar sua própria linguagem na escola. O professor para tornar essa linguagem natural no cotidiano da sua classe necessita compreender o mundo como seus alunos. Segundo Freinet, se o professor não voltar a ser como criança *"não entrará no mundo encantado da pedagogia".* E orienta os educadores dizendo-lhes que "*ao invés de procurar*

esquecer a infância, acostume-se a revivê-la; reviva-a com seus alunos, procurando compreender as possíveis diferenças originadas pela diversidade de meios e pelo trágico dos acontecimentos que influenciam tão cruelmente a infância contemporânea." (FREINET, 1996b, p.23)

Através dessa mediação o professor percebe a necessidade que há, de partir dele, as transformações na educação e que não pode esperar que essa mudança, necessária, seja uma descoberta científica que está por vir. Buscando a formação da vida pela vida o professor-educador não crê mais na suposição de que é estudando a ciência que as crianças se formarão homens. Torna-se consciente que a sua função é "*permitir que cada aluno seja protagonista de sua própria aprendizagem, um aprender-fazendo de forma coparticipativa, livre, responsável e prazerosa."* (ELIAS, 1996, p.29) A criança necessita de trabalho, necessita ser trabalhadora, criativa, produtora, não se contenta em ser um auxiliar passivo (FREINET, 1974).

Permissão que depende não apenas de oportunizar a liberdade de expressão, é necessário inspirar a criança para despertar e satisfazer a necessidade que tem de se exprimir e se comunicar. Freinet (1996b) traduz a referida afirmação dizendo que ao professor cabe fazer jorrar a torrente; fazer o cavalo sentir sede, para que este galope ao bebedouro. E diz aos educadores para que "*não teimem numa pedagogia do cavalo que não tem sede. Caminhem com empenho e sabedoria para a pedagogia do cavalo que galopa para a luzerna e para o bebedouro."* (p.14)

O empenho e a sabedoria dizem respeito ao comprometimento, à responsabilidade, à sensibilidade, mas também à motivação que o professor deve sentir pelo seu labor para que possa ser efetivamente um educador. Manter a dignidade do seu trabalho faz da educação a fórmula de vida. Se não houver essa motivação, se o professor se acostumar a ser um *"escravo do seu ganha-pão"* não poderá formar homens livres, pois já não acreditaria na vida, que é a única via da construção de um futuro melhor.

Educadores, sejam pais e/ou professores, devem levar as crianças a "*desejar, a procurar o esforço, o trabalho e o sacrifício; e não somente a desejá-los e procurá-los como a sentir a sua necessidade imperiosa no quadro da natureza humana."* (FREINET, 1974, p. 179)

Porque será desta reeducação que se fará nascer uma nova geração constituída de homens fortes, saudáveis, audaciosos, que em equilíbrio se colocarão a serviço da humanidade. Enfim, serão homens felizes, pois serão

construtores, lutadores que sofrerão, mas que conhecerão também as supremas alegrias dos heróis, que têm (...) a exaltante satisfação de se elevarem acima da modesta e comum condição para subirem pelo espírito, pelo coração e pelo sacrifício até esse ideal que é a nossa suprema razão de ser, viver e lutar. (FREINET, 1974, p.180)

Capítulo 3 : Escola Criar: Entre o privado e o urbano e a Pedagogia Freinet – desafios e perspectivas.

Até aqui foram discutidos princípios da Pedagogia Freinet que consolidam suas bases na defesa da escola de qualidade para as crianças do povo e na defesa da escola em ambiente natural, pela maior possibilidade de a criança expressar-se livre e espontaneamente e de estar próxima à origem de sua própria natureza. No entanto, quando adotada em uma instituição privada e urbana, atendendo a um público de classe economicamente favorável num ambiente que Freinet identifica como 'artificial', esta pedagogia encontra inúmeros desafios entre perspectivas, possibilidades e limites. Compreendendo que sua teoria e sua prática devem ser pensadas de forma indissociável, não se pode, portanto, adotar técnicas que condizem com suas práticas sem refletir suas bases, assim como o contrário: adotar a Pedagogia Freinet apenas em seu discurso político-pedagógico. Justifica-se a afirmação pela

> "*evocação da luta de Freinet contra uma interpretação tecnocrática de suas técnicas e dos receios que ele sentia ao pensar em todos aqueles que, obnubilados ou inconscientes do tecnocentrismo inerente a este termo bloqueavam suas significações libertadoras para só conservar a aparência em detrimento da filosofia que as sustenta.*"[2]

Ressalta-se que não se pretende tomar as técnicas Freinet como comprovação da prática dessa pedagogia na escola que configura a pesquisa. Ações que asseguram a indissociação teoria-prática freinetiana são as que têm como objetivos primordiais a formação humana e a vida. Garantia dessas metas depende de a escola compreender as crianças como Freinet, ou seja, como homens em formação, que têm, por necessidade vital, contribuições a fazer na construção da humanidade, enquanto ainda são crianças e não *a posteriori.* Através do trabalho constroem sua função na edificação da cultura e se constituem membros da sociedade da qual fazem parte.

[2] L' Educateur, n.º 10, 5 de fevereiro 1975, pág. 33 *opra. Cit*. CABRAL, M. I. C. De Rousseau a Freinet ou da Teoria à Prática, p.05.

Em relação ao ambiente, é fato que em sua concepção Freinet defende o meio natural como o mais benéfico às crianças. E embora o movimento Freinet tenha perpassado por evoluções referentes ao meio urbano, é inegável que o ideal de sua pedagogia é a educação em ambiente natural. Crê que "*a escola precisa guardar profundas e essenciais relações com a natureza e o campo. Tacha a cidade de artificial, denuncia as 'escolas-quartéis', onde as crianças não têm nenhum contato com a natureza."* (OLIVEIRA, 1995, p. 95).

Sugere, assim, que a escola urbana esteja próxima a ambientes naturais, e se possível, adapte-se à vida. Em meio ao progresso urbano – nem sempre favorável ao progresso humano – as crianças do povo não são oportunizadas a viverem naturalmente. Neste sentido, confirma sua crítica afirmando que nas cidades, elas convivem com a

> *aridez dos casebres, apinhamento em residências operárias sem ar, sem horizontes, sem árvores, sem flores, sem animais. (...) Na cidade, sobretudo, as crianças do povo são exatamente como esses animais que, nos jardins zoológicos, são obrigados a se adaptar como podem a um espaço reduzido, com um esqueleto de árvore, um simulacro de riacho e a terra morta e nua.* (FREINET, 1996a p.19)

Escola particular e urbana adepta ao pensamento freinetiano deve, portanto, minimizar a distância entre formação da criança e a vida, através de uma educação libertadora, mesmo para as crianças que não configuram o conceito de povo delimitado por Freinet. A libertação destinada a elas deveria ser a da *'maldição capitalista'* hierárquica, desumana e desigual. Cabe-nos a consciência, para a reflexão proposta não se realizar arbitrária, de que "*o que ele procurava, acima de tudo, era um caminho que satisfizesse todas as crianças, sem exceção, com suas diferenças de inteligência, caráter e posição social."* (SAMPAIO, 2002, p.18)

3.1.- Histórico da Escola Criar e os desafios de uma instituição particular baseada em Freinet sobreviver em meio ao tradicionalismo.

A escola Criar foi fundada em quatro de fevereiro de 1991, mas a sua história teve início anterior às suas atividades funcionais. Tem profunda relação com a

história de vida de sua fundadora, portanto, é fundamental explicitá-la de forma sintética até mesmo pelo fato de se assemelhar à história de nascimento da Pedagogia Freinet, que se originou a partir da articulação do contraste entre a infância livre e a experiência como estudante de uma escola tradicional, somando-se ainda, à experiência docente de seu criador.

Segundo a fundadora e diretora da escola Maria Cristina Rodrigues Corrêa[3], o processo de construção da Escola Criar teve início desde a sua infância no estado de Minas Gerais, onde, até a quarta série, estudou em uma escola em que as crianças participavam significativamente e gozavam de certa liberdade; havia horta; trabalhos em grupos; festas, etc. Uma escola que para Cristina foi muito significativa, pois identificava naquele ambiente a continuidade de sua vida; assim, fora da escola, suas brincadeiras eram com referência à instituição. Porém para ela o brincar envolvia seriedade, pois a instituição escolar estava despertando nela sonhos que acabariam se realizando no futuro.

Aquilo não era brincadeira, pois já nessa época eu dizia que iria abrir uma escola, eu tinha 8 ou 9 anos. Aquilo para mim era uma verdade. Eu não brincava apenas de ser professora, eu queria ter uma escola.

Relembrando a escola de sua infância, hoje a diretora consegue identificar semelhanças com a Pedagogia Freinet, embora nunca tenha voltado para confirmar sua intuição. Aos 11 anos, foi morar no município de Rio Bonito, onde passou a estudar em uma escola tradicional, o que produziu desgosto pela escola, mudou sua relação com o ambiente educacional.

Eu entrei numa escola, na 5ª série, onde tinha que se temer o diretor, onde a relação entre os colegas era muito competitiva, o que muito me desagradava. Eu comecei a ficar triste, desgostosa. As pessoas achavam que era porque eu tinha mudado de cidade, mas não era. Era uma relação com a escola, que quebrou o encanto que antes eu tinha. Aos poucos fui me ajustando, mas a única coisa que me interessava naquele ambiente era o conhecimento.

Características da crítica de Freinet à escola tradicional perpassam pela reação das crianças obstinadas a um método obscuro e frio. Segundo ele, subordinada à escola sob esse cunho a criança aprende a

[3] As informações que embasam este capítulo foram cedidas em entrevista pela pedagoga Maria Cristina Rodrigues Corrêa, fundadora e diretora da Escola Criar.

> *obedecer de olhos fechados, não julgar nem argumentar de forma lógica, só ouvir e repetir, eram essas as marcas da pedagogia tradicional. Era uma educação que conduzia à ditadura, pois incentivava o acúmulo de conhecimentos, favorecia uma conduta dogmática, impunha uma disciplina autoritária, obrigava a uma submissão inconsciente aos programas e manuais, muitas vezes contradizendo os princípios sócio-políticos dos professores, pais e, por que não dizer, dos próprios alunos.* (SAMPAIO, 2002, p.63/64).

Posterior a estas vivências na infância e somadas à sua formação como professora no Curso Normal, Cristina já tinha certeza que queria fazer a faculdade de Pedagogia para cumprir o sonho de criança de abrir uma escola onde pudesse realizar uma educação para além daquele tradicionalismo que conheceu. Quando começou a trabalhar como professora, Cristina foi dar aulas na Escola Viva, a qual destaca como uma escola que chegava a Rio Bonito fazendo um rompimento com as escolas tradicionais do município. Inauguração que resultou em desconfianças e críticas da própria comunidade. Essa reação foi devido ao pensamento, também com base no tradicionalismo de que

a Escola Viva iria acabar com tudo o que é certo em educação. Mas a escola me encantava demais. Eu achava que aquele era um jeito de ensinar: onde as pessoas sentavam no chão com os alunos... Eu voltei a acreditar que havia alguma coisa para além disso. E então não tive mais a idéia de abrir uma escola porque ali eu acreditava que existia uma educação diferente.

A respeito da postura das escolas tradicionais de naturalizar um modelo de educação e postulá-lo como verdade absoluta Freinet, diz que

> *essa escola já não prepara para a vida, não está voltada nem para o futuro, nem mesmo para o presente; ela insiste num passado caduco, como aquelas velhinhas que, por terem alcançado um sucesso merecido durante sua juventude, não querem mudar em nada seu gênero de vida, nem a moda que tão certo dera, e amaldiçoam a evolução a seu redor, de um mundo condenado*. (FREINET, 1996a, p. 3).

E completa dizendo que

> *os educadores devem (...) realizar o esforço do rejuvenescimento que se impõe, rejeitar os chapelões e as saias pregueadas de uma época que ficou para trás, pôr-se ousadamente à escuta da nova vida, adaptar-se a essa vida, a seu espírito, a suas técnicas, a suas obrigações; parar de desdenhar o futuro em nome de uma rotina que nada mais é que um freio perigoso à vida ascendente; atualizar-se*.(FREINET, 1996a, p.4).

A esse respeito, Cristina publicou no site da escola[*] um texto de sua produção que retrata a necessidade de modernizar a educação, comparando à necessidade, reconhecida, de evolução da medicina para a sobrevivência da humanidade. Assim, o texto descrito sob o título: *Comenius e Hipócrates,* diz que

No ano 1632 um pensador de nome Comenius promoveu fortes e importantes mudanças na escola sendo então o percussor da escola moderna. Suas contribuições na didática foram fantásticas e de lá pra cá quatrocentos anos se passaram.

Já te ocorreu pensar que se possível a Comenius vir as nossas escolas atualmente ele as reconheceria sem demora tamanha semelhança com as escolas que ele conheceu em sua época mesmo já tendo se passado quatrocentos anos? Será que haverá algo de tão mudado e apropriado aos novos tempos, suficiente para surpreender Comenius ou outros aprendizes daquele tempo? Já imaginou se o mesmo se desse com a medicina? Hipócrates retornar encontrar as mesmas técnicas utilizadas em seu tempo? Os mesmos remédios, os hospitais dispostos da mesma forma? Os médicos examinando da mesma maneira? Estaríamos ainda vivos se a medicina não se modernizasse não apenas em seu discurso, mas principalmente em suas ações!

Há muitas coisas que alguns pais e professores ainda desejam manter em educação, mas que já tarda mudar muitos ainda querem encontrar técnicas e práticas idênticas as que viveram no passado e insistem em dizer: no meu tempo isso, no meu tempo aquilo...

Outros tempos! Importantes, necessários! Nossa história! Evidentemente, muito construtora de nós, mas não mais adequada integralmente aos nossos filhos e netos. O que se pode aproveitar das antigas escolas deve ser analisado e usado se assim for necessário, mas não podemos mais manter intactas técnicas e pensamentos do passado como se fossem sagradas, sob pena de nos arriscar a perder uma geração inteira de novos pensadores, pessoas que viverão um tempo que, segundo o escritor Kalil Gibran, "não podemos visitar nem mesmo em sonhos".

A Escola Viva, então, foi um marco para que o município passasse a pensar em novas idéias, novas possibilidades de educação. O município é pequeno, localiza-se no interior do estado do Rio de Janeiro e é significativamente tradicional no quesito educacional-escolar. Pode-se dizer que ainda é, porque

a comunidade continua achando, até hoje em 2008, que o que está posto a tanto tempo é o que está certo, ninguém ousa questionar. Na cultura da nossa cidade as pessoas têm que construir, desenvolver a

[*] www.escolacriar.com.br

capacidade de visitar outras idéias, de entender que isso não desconfigura a identidade, é muito mais sabedoria.

A posição da diretora pode ser articulada ao pensamento freinetiano, visto que

> *Freinet procurava nos destacados educadores da época o respaldo de uma pedagogia preocupada com a alegria de viver, mas em todos eles só encontrava o acúmulo do saber como eixo principal, embora visse a possibilidade de uma associação com métodos em que se destacasse o prazer. Para Freinet isso era um reforço para continuar sua busca, pois cada vez mais sentia-se no caminho, que outros não ousavam trilhar.* (SAMPAIO, 2002, p. 57)

A Escola Viva sofreu muitas críticas, configurou como afronto às outras escolas por estar tentando uma nova forma de educação, mais libertadora, que reconhecia a criança como sujeito. Financeiramente a escola não conseguiu se manter. Nesse momento Cristina já estava terminando a faculdade de pedagogia e passou a ajudar na direção, nas questões burocráticas. Havia um grupo de oito pais tentando administrá-la, mas não foi o suficiente para reverter o quadro da escola. Antes de a escola fechar, Cristina já havia se desligado das funções na direção. Na sua concepção era preciso retomar a idéia de abrir uma escola que atendesse ao seu sonho de infância. Engravidou logo em seguida, e diz que ao gerar o filho concomitantemente gerava a Escola Criar, porque durante o tempo que ficava em casa elaborava os projetos de criação. Quando seu primeiro filho, Bruno, fez três anos e iria iniciar os anos escolares, pensou onde o matricularia já que não gostaria que ele vivesse a experiência da escola tradicional que ela havia conhecido quando veio morar no município rio-bonitense.

Considerou ser, então, o momento exato de abrir uma escola diferente, que deveria fazer com que as crianças sentissem alegria e paixão pela mesma. Momento que coincidiu com o fechamento da Escola Viva. A abertura da escola e a própria história de Cristina na Escola Viva mostraram a possibilidade de haver uma nova prática de educação e alguns pais, conscientes dessa nova proposta, matricularam seus filhos na Criar. Porém, fortalecidos pelo fechamento da Escola Viva

muitos pais entenderam que essa experiência não deu certo e que era necessário voltar ao tradicional.

Para responder à duvida entre tradicional e moderno, Freinet sugere que se faça a pergunta : o que desejamos obter para nossos filhos? E afirma que no atual sistema capitalista que conduz a vida e formação dos homens,

> *para a maioria dos pais, o que conta, de fato, não é a formação, o enriquecimento profundo da personalidade de seus filhos, mas a instrução suficiente para enfrentar os exames, ocupar cargos cobiçados, ingressar em determinada escola ou em determinada administração. Considerações humanas, por certo, cuja fraqueza não é de responsabilidade exclusiva dos pais, pois ela é conseqüência direta de uma concepção por demais utilitária da cultura, da crença na virtude exclusiva do aprendizado formal.* (FREINET, 1996a, p. 8).

Inicialmente a escola atendia a educação infantil e alfabetização. Começou seu primeiro ano letivo contando com 54 alunos e quatro funcionários. Tanto Cristina quanto o grupo docente estavam iniciando suas ações pedagógicas, mas acreditavam na nova proposta[5]; acreditavam que era possível modificar a estrutura do sistema tradicional e educar de outra forma, sob outros pressupostos, com outros objetivos

Éramos muito inexperientes, mas tínhamos uma vontade muito grande de fazer algo diferente

Freinet, inicialmente, na elaboração da sua pedagogia, encontrava-se "*sem experiência e sem uma teoria pedagógica, mas com um instinto próprio de pastor, constrói os próprios princípios de uma ação prática, aproximando escola e aldeia, respeitando profundamente a criança."* (ELIAS, 1997, p.22).

Assim como a Escola Viva e a pedagogia freinetiana, a Escola Criar recebeu inúmeras críticas por parte da comunidade, pais e pelas próprias escolas já tradicionais, principalmente sob a justificativa de liberdade dada às crianças, como sendo esta algo contrário ao que deveria se dar na educação escolar. Ressalta-se que no ambiente urbano-tradicional é comum o pensamento de que "*uma criança que não estivesse sentada, quieta na sua carteira, não poderia estar fazendo nada sério*". (SAMPAIO, 2002, p. 58)

[5] Algumas professoras ainda estão em atividade na escola.

Entretanto, as pretensões da Criar, assim como as da Pedagogia Freinet respaldavam-se no desejo de que a escola fosse construída pelos alunos, e que, portanto fosse um espaço de vida ativo e feliz, pois seria assim, naturalmente a continuação da vida das crianças. Elas, nessa liberdade "*mantinham grande entusiasmo nas suas ações e, como toda criança, eram barulhentas. Mas, nesse intenso dinamismo tornavam-se desembaraçadas, conscientes do trabalho que realizavam."* (SAMPAIO, 2002, p. 57/58.)

Em meio às críticas e elogios, a Escola Criar foi ampliando-se, ajustando-se às necessidades que surgiam. À medida que ganhavam experiência iam modificando algumas atitudes, posturas que julgavam necessárias.

As dificuldades impostas eram muitas. Se não fosse forte pelo ideal que tinha a escola provavelmente não teria sobrevivido aos obstáculos encontrados no tradicionalismo escolar e também pelo tradicionalismo da cidade interiorana.

A postura tradicional da escola consolidou como função das instituições pedagógicas atender a objetivos de aquisição de conhecimentos por técnicas de escrita, leitura, cálculo. Nesse sentido, existe mesmo a convicção de que esse é o seu papel exclusivo. E por muito tempo tem sido a essa postulação escolar que as crianças têm se subestimado, e isso significa que a escola tradicional "*prefere a falsa emulação escolar e a classificação arbitrária a uma regra benéfica de vida e de trabalho"* (FREINET, C. 1974, p. 82), que só pode ser experimentada quando a credibilidade da função da escola se fundamentar em uma atividade profundamente formativa.

Enquanto for atribuído a uma escola centrada na liberdade de expressão e comunicação da criança caráter e objetivo inferiores às escolas que preconizam as técnicas de aquisição de conteúdos, o pensamento tradicional acreditará que, nesta a criança perde tempo e deve ser mandada à escola para se instruir, e uma educação diferente desta meta seria sinônimo de brincadeira, tomando-a em sentido pejorativo.

Quanto às preocupações iniciais, Cristina afirma que baseada num sonho e num ideal não havia preocupações significativas.

Não passava pela cabeça, em hora nenhuma que não iria dar certo, que o que a gente estava fazendo não era bom para as crianças. Tínhamos plena certeza que poderia ser um desafio para os pais, mas que para as crianças seria bom.

A partir dos resultados explícitos pela reação das crianças à escola, Freinet expôs a satisfação pelo caminho escolhido, pela proposta de dar continuidade à vida do aluno através da liberdade de expressão e comunicação e através de atividades que efetivamente eram repletas de significância.

> *As crianças reagem à escola de forma positiva, o que nos alegra e nos deixa seguros quanto ao caminho escolhido, porque estamos trabalhando no sentido de respeitar o curso natural do desenvolvimento infantil, levando a criança a conhecer-se, a dar vazão aos seus sentimentos, a sentir-se importante, a sentir-se gente.* (SAMPAIO. 2002, p. 153).

Buscando percorrer um caminho semelhante ao da Pedagogia Freinet, a Criar cresceu. Ampliou seu atendimento da creche ao nono ano do ensino fundamental abarcando a educação a 270 alunos, neste ano. O resultado dessa nova forma de educar, inicialmente tão criticada, que provocou desconfianças, só foi possível ser medido quando a primeira turma do segundo segmento do ensino fundamental se formou e foi cursar o ensino médio em uma escola tradicional privada.

Os alunos chegaram lá se posicionando, criticando as formas como a educação estava acontecendo. Foram sabendo ler e escrever muito bem, gostando de se expressarem, sendo criativos, críticos, sem apresentar qualquer dificuldade fosse de assimilação de conteúdo ou adaptação.

Foi, então, a partir deles que tanto as escolas, quanto os pais viram que a formação que se construía na Criar era sólida.

Nessa hora as escolas concorrentes e pais tiveram que silenciar [as críticas], porque, até então, o Criar era uma escola que "não preparava". E assim, ganhamos força. Mas era impressionante ver como uma comunidade se incomodava tanto com uma escola. Aquilo mexia muito, até que uma pessoa disse para mim que não existe uma pessoa que faz história indo na mesma mão que a história. Só fez história quem andou na contramão. Hoje em dia não há mais desconfiança sobre a filosofia da escola.

Os resultados hoje podem comprovar que uma pedagogia pela liberdade, mais próxima à natureza forma para a vida. O propósito inicial de construir uma escola, já tinha como principal intenção ser uma escola mais humanizada. Destaca-se, nesse sentido, a importância de Freinet na Criar. Para o referido autor essa humanização é real quando se toma a criança como a base da humanidade.

> *O respeito ao ser humano, expresso pelo respeito à criança, era a garantia para as realizações futuras, na certeza de que a criança quando adulta estaria pronta a defender os direitos de todos, aprendendo a trabalhar pela coletividade.* (SAMPAIO. 2002, p. 45).

Freinet, foco desta pesquisa, encontrou na criança mais que um aluno. A reconheceu como um ser que é vivo, ativo e criador; que deve ser criança, realizar-se enquanto tal para se preparar para seu destino de homem.

> "*Para se tornar naquilo que ele deve ser, dizia Pestalozzi, o homem deve ser e fazer quando criança aquilo que o torna feliz como criança...Deve, nessa altura, ser tudo o que ele pode ser, mas não mais! De outro modo, correrá o risco de comprometer a sua situação e condição quando se tornar homem."* (FREINET, 1974, p. 37).

A principal perspectiva atualmente da escola mediante a desafios de adotar a Pedagogia Freinet como um dos referenciais teóricos é continuar. Seguir esse ideal, continuar acreditando nele. O grande desafio que se instaurou foi mostrar à família que essa educação é possível, que a escola não precisa ser local de medo, como os pais provavelmente encontraram quando estudantes, pois esse sentimento não configura e não garante respeito. Autoridade não implica em amedrontamento, e a educação para a vida segue o caminho inverso às características da pedagogia tradicional. Freinet afirma que autoridade é necessária, porém, "*a verdadeira autoridade não se conquista nem pela severidade, nem pelos castigos, nem pela pancada, mas sim com a ajuda afectuosa que podemos dar ao desabrochar dos nossos filhos, numa atmosfera só de lealdade, confiança recíproca e humanidade."* (FREINET, 1974, p. 42).

Freinet aconselha a *sugestão,* que configuraria o meio mais eficaz para o equilíbrio necessário à educação. Mais que coerção das ações equivocadas cometidas pelas crianças seria, sim, encorajamento e persuasão para que a criança ultrapasse o erro e caminhe corrigindo-o por suas próprias reflexões e percepções. A sugestão, assim, seria "*orientar discretamente o indivíduo para os pensamentos que gostaríamos que ele tivesse e para os actos que ele praticasse."* (FREINET, 1974, p.54)

No cotidiano da escola, porém,

os pais pedem para sermos mais rígidos, darmos advertência, suspensão. Nós damos, mas raras às vezes, pois conseguimos pela conversa fazer, em quase todos os casos, com que o aluno não repita o erro. E temos conseguido.

Outro desafio foi não conseguir manter algumas técnicas freinetianas, principalmente, o Livro da Vida que era feito com freqüência. Mas a questão da humanização se mantém forte, principalmente no jeito de tratar a criança.

Entender que mesmo você sendo professor e tendo uma autoridade maior, não significa que seja melhor, que dê direito de desrespeitar o aluno. Para muita gente isso não é sinal de educação. Apesar de hoje alguns pais já alcançarem essa dimensão mais ampla de educação, a cultura do terrorismo ainda é muito forte, principalmente numa cidade de interior.

3.2- Perspectivas e desafios da Pedagogia Freinet em ambiente urbano

A questão da localização foi uma das principais dificuldades. Por se instalar numa casa, longe do centro urbano, pais deixavam de matricular seus filhos sob essa justificativa. De fato, as escolas de nome na cidade ficam próximas umas das outras e localizam-se no centro. A Escola Criar não. Isso era um agravante muito acentuado e durante os primeiros cinco anos de funcionamento da escola havia a intenção de sair daquele local para se instalar no centro da cidade. Porém, eram as próprias crianças que não deixavam. Pela liberdade de se expressarem com a direção, com os professores e, lógico, com espaço que era delas, as crianças opinavam, se manifestavam contra a possibilidade de estudarem no centro urbano e argumentavam defendendo os espaços de natureza que usufruíam na escola Criar.

O que eles mais se apegavam era a natureza. Não queriam porque diziam que aqui [na Criar] tinha morro para subir, tinha jabuticabeira.

Devido às palavras das crianças, a idéia foi abolida e o espaço natural foi sendo o caminho de valorização do ambiente escolar. Assim, a Criar foi se valorizando. Hoje a escola contém alguns espaços destinados aos momentos livres para as crianças experimentarem a proximidade com a natureza. Há um pomar que têm árvores, onde o chão é terra, sem artifícios construídos a não ser por balanços

feitos de corda e madeira amarrados aos galhos das árvores; um espaço chamado "Areia" em que há um jambeiro e uma jabuticabeira. Há ainda outro denominado "Parquinho", em que há brinquedos, árvores, flores, etc.

Mesmo lidando com crianças que não têm menor contato com terra, natureza, a Criar tenta aproximá-las de elementos naturais. Busca a preservação e responsabilidade com os mesmos.

Quando a jabuticabeira começa a dar frutos, falamos que é para esperar amadurecer. A natureza, às vezes está muito distante da realidade deles. Tem uns que se espantam porque a jabuticaba nasce colada no galho, porque nunca tinham visto. As crianças são muito urbanas. Crianças que moram em casas com quintal, quando tem, cimentado; que têm dificuldade de colocar o pé no chão.

Constantemente, pais propõem pavimentar os espaços de natureza para serem mais seguros e esteticamente mais bonitos. Acreditam que seja árduo para as crianças movimentarem-se pelo terreno com árvores e raízes; crêem que lhes seria mais vantajoso aplainá-lo. Contrariamente às solicitações de seus pais, é neste ambiente que elas demonstram maior prazer em estar.

Tem uma geração de pais que a infância foi muito urbana, ou muito de ficar em casa assistindo TV ou navegando na internet. Esses querem que a criança não se suje. Que saiam da escola do mesmo jeito que entraram.

Tal modo de educar, segundo Freinet, egoísta e monopolizador, fortalece uma educação onde os pais *"desembaraçam o caminho de todos os obstáculos"* (FREINET, 1998a,p.56). A criança, assim, não estará se preparando para o mundo, para o seu destino de homem e para a humanidade. De fato,

> *ela tem menos como enganar-se, uma vez que é sempre guiada e dirigida; por esse motivo adquire mais depressa, em seu meio, uma técnica de vida evoluída, que ilude. Mas, na medida em que lhe tiveram evitado as experiências (...), terá uma inteligência incompleta, válida somente para o meio anormal que a formou, e reações totalmente insuficientes fora desse meio. Será como se tivesse aprendido exclusivamente a andar entre cadeiras que lhe oferecessem constantemente apoio ou numa sala uniforme e acolchoada onde os pés sempre encontram uma base cômoda.* (FREINET, 1998a, p.149).

Ressalta-se aqui a imprescindibilidade de conhecimento que pais e educadores devem ter sobre a formação para a vida, quando adeptos à Pedagogia

Freinet. A criança deve ter contato com outras; tem que aprender a enfrentar situações adversas que não lhe serão poupadas futuramente fora da escola ou do seio familiar, porque

> *o caminho da vida não é uma estrada branca e direita, mas um atalho pedregoso e acidentado ao qual convém estar um pouco habituado para não se cair. O pior serviço que se pode prestar à criança é aplainar este atalho, libertá-lo de obstáculos e alargá-lo, sacrificando a uma aparente felicidade actual a preparação activa de amanhãs decisivos.* (FREINET, 1974, p. 76).

Pela compreensão das possibilidades de uma pedagogia libertadora não alcançar a todos, a diretora acredita que a Criar não é e não será uma escola para muitos. Mas, sob uma perspectiva freinetiana, potencializa-se a idéia de que "*o nosso mundo tem demasiados indivíduos formados segundo o mesmo molde de excitação e servilismo; ele tem necessidade de homens fortes, capazes de poderem caminhar harmoniosamente em direcção a um ideal."* (FREINET, 1974, p.105).

É esse ideal de vida, ou melhor, de aprendizagem para a vida toda[*], que a Escola Criar busca seguir quando, mesmo sendo privada e urbana adota a Pedagogia Freinet como base da educação que se predispõem a praticar.

Outra proximidade possível entre as referidas escola e pedagogia, ainda que sem intenção, é o slogan utilizado pela Criar de "educação pela inteligência". Se até este ponto da pesquisa foi possível perceber que a escola tradicional e a família, quando não conscientes da formação da personalidade da criança, se opõem à experiência tateada e, portanto, estão no caminho de impedir a verdadeira educação para a vida e a construção da humanidade cooperativa, a articulação das intenções da Escola Criar à proposta freinetiana possibilita atribuir ao slogan citado uma profunda reflexão fundamentada em seu referencial teórico.

Ao decorrer da pesquisa foi apresentado que para Freinet a educação é a inserção da criança à sociedade através da ação construtiva e socialmente produtiva denominada trabalho e da experimentação pessoal da mesma, a qual Freinet chamou de experiência tateada.

A inteligência para Freinet é "*a faculdade que alguns seres têm de permanecer particularmente permeáveis aos ensinamentos da experiência, de*

[*] Um dos slogans utilizados pela Escola Criar.

orientar de acordo com eles seus tateamentos, que deixam então de ser exclusivamente mecânicos..." (FREINET, 1998a, p. 65).

Em outras palavras a inteligência é a capacidade que o individuo tem de aproveitar de forma intuitiva os ensinamentos de suas experiências pessoais. Ao assumir educar pela inteligência, a Criar, implicitamente, traz a idéia freinetiana de que são os próprios alunos que, vivendo intensamente a vida, potencializam-se gradativamente pelo esforço próprio e intuitivamente aumentam seus conhecimentos e atendem suas necessidades vitais.

3.3 A educação pré-escolar na Escola Criar

Para Freinet, a denominação *pré-escolar* identifica a etapa da educação correspondente ao período do nascimento aos dois anos de idade. Porém, nesta pesquisa, o termo foi utilizado conforme a Lei de Diretrizes e Bases (lei n.º 9394/96), que diz que a primeira etapa da educação básica brasileira, a educação infantil, está subdividida em creche, para o atendimento às crianças menores de três anos; e pré-escola formalizando o início da escolarização a partir dos quatro anos de idade. Legalmente a LDB afirma no artigo 30 que

> *a educação infantil será oferecida em: creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade. (BRASIL,1996).*

Sob a referida legislação, neste ano a Escola Criar comporta três turmas de pré-escolar, duas com crianças de cerca de quatro anos e uma com crianças de cinco anos. Nas considerações freinetianas a escolarização oferecida às crianças desta faixa etária recebe a nomeação de *escola maternal e infantil*. No entanto, independente da nomenclatura o enfoque a este período é, ou deve ser, a iniciação ao *trabalho*. Ao passar pela fase de experiência metódica e de elaborar suas primeiras conclusões, a criança entrega-se à organização de sua personalidade através da tentativa de dominar o ambiente em que se encontra inserida. "*É o período do trabalho que começa e se apresenta sob as duas formas paralelas e complementares de jogo-trabalho e trabalho-jogo."* (FREINET, 1996a, p.23).

O jogo-trabalho, interpretado como permutador da atividade produtiva, tem uma meta subconsciente de assegurar, ao máximo, a completude da vida, defendê-la e perpetuá-la. É a organização empírica do mundo infantil. O trabalho-jogo, ação

que configura o que é realmente necessário à natureza humana, é o extasiar-se de crianças diante de uma atividade voltada para a vida, socialmente produtiva. É o meio pelo qual se consolidada a natureza humana. "*Portanto, nessa etapa, a criança trabalha, se as circunstâncias do ambiente e a lei do adulto lhe permitem. Senão, ela se consagra a um jogo-trabalho que é o substituto mais ou menos simbólico do trabalho-jogo..."* (FREINET, 1996a, p. 28)

Iniciar a fase de trabalho, inerente à natureza infantil, é compreender a complexidade do conceito e das conseqüências à formação da humanidade. Para principiá-la "*é preciso realizar uma renovação profunda e eficiente da formação das gerações futuras."* (FREINET, 1998b, p.167)

Na Escola Criar a educação de crianças pequenas fomentou a preocupação com a necessidade de o professor ser consciente da natureza infantil, respeitá-la e atribuí-la função ativa na sua formação humana. Consciência que se constrói através da formação continuada do docente, o que pode ser melhor compreendido com as palavras de Paulo Freire (1996): "*Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar (...). Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. "* (p. 23/24)

Sob o pensamento de Freinet que pode ser acoplado ao de Paulo Freire no sentido da necessidade da não estagnação da ação docente subordinada ao desejo de autoridade e de ensinar por métodos tradicionais inflexíveis, a educação é significativamente mais ampla que os ensinamentos previstos pelos programas escolares. Freinet demonstra, então, que para o aluno "*... a realidade da vida extravasa a cada instante esse marco formal sempre estreito, como pra nos lembrar que é inútil querer submetê-lo a nossos métodos e que estes é que devem enriquecer-se e flexibilizar-se para servir a vida e desenvolvê-la."* (FREINET, 1996a, p. 24/25)

A marcha desta mesma linha ideológica, a coordenadora pedagógica da Escola Criar, Gabriela Kleinsorgen, diz que

> *na Escola Criar a preocupação com a formação continuada é uma constante. Temos reuniões de estudo quinzenalmente com o grupo de professores do maternal ao quinto ano.*

Acrescidas às reuniões de estudo são realizadas, também em tempo quinzenal, reuniões de planejamento em que participam a professora, a auxiliar e a

equipe de coordenação composta por Cristina e Gabriela. Freinet sugere que os chamados *planos de trabalho*, especialmente na educação de crianças, sejam elaborados junto com elas para que possam adquirir desde pequenas *a noção de ordem, controle de si mesma, confiança, amor pela conclusão do trabalho, que evoluirá em consciência profissional, equilíbrio e paz, conquistados em virtude do trabalho.* (FREINET, 1996, p. 45).

Porém, as palavras da coordenadora pedagógica assumem a base teórica freinetiana na consciência de educação humanizada, contínua de respeito à criança.

Nosso planejamento tem referência à Pedagogia Freinet, pois damos ênfase ao conhecimento significativo, procuramos proporcionar ao aluno um papel ativo no processo de ensino-aprendizagem.

Promover esse redirecionamento posicional e funcional da criança na escola é a primeira condição da tomada de consciência e sensibilidade para as mudanças necessárias à formação dos homens. Para tanto, Freire (1996, p. 47) afirma que o professor deve "*saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção"*, que ocorrerá de forma mais veraz se partir de fatos que tenham significância para os alunos.

Para a prática do reconhecimento dos infantes como construtores da ascensão de sua potencialidade de vida através do trabalho, da experiência e liberdade, Freinet propõe ao professor que

> *arregace as mangas para trabalhar com as crianças. Deixe de dar ordens e castigos, atire-se ao trabalho com seus alunos. Não tenha medo de sujar as mãos..., de hesitar nos casos em que a criança mais viva domina a situação, de tatear, de se enganar, recomeçar. Assim é a vida, e é o esforço que fazemos lealmente para dominar seus incidentes, que constitui o principal elemento da nossa educação.* (FREINET, 1996b, p. 92)

Esse é o caminho pelo qual, segundo a Pedagogia Freinet, o professor se tornará educador. A escola que educa deve ter como princípio e ação atividades socialmente produtivas realizadas por crianças e docentes com intento de imprimi-las de forma apta na sociedade em que vivem.

Gabriela, demonstrando compreensão de tal pedagogia, diz que

utilizar Freinet na escola é acreditar que ela deve ser ativa e dinâmica.

Dinamismo e atividade que se configuram pelo equilíbrio da criança com sua natureza e com a vida que só pode haver quando a escola deixar de pretender prepará-la para adaptação a um mundo pronto e passar a introduzi-la eficazmente num mundo construído por ela e pelos outros sujeitos pertencentes e criadores do mesmo. E "é *essa a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história*". (FREIRE, 1996, p.54)

Retomando a questão de iniciação do trabalho na escola maternal e infantil ou pré-escola, torna-se vantajoso ressaltar que há, para Freinet, duas tendências educacionais que intimidam a verdadeira educação neste nível educacional. Uma, *acadêmica*, que se preocupa em apressar a educação de conteúdos formais às crianças, cultivando uma sistematização prematura dos mesmos; outra, *infantil*, que pelo próprio nome sugere uma proposta de educação que visa manter a criança em estágio de personalidade e comportamentos já superados. E para ele, é no intermédio dessas duas distorções pedagógicas que se obtém o equilíbrio e a solução para a educação das crianças oferecida pela escola.

A Escola Criar na tentativa de alcançar o equilíbrio supracitado, busca na pedagogia de projetos um caminho possível.

O trabalho com projetos possibilita análise sob três faces fundamentais: o professor, o aluno e a educação, na semântica do processo ensino-aprendizagem. De forma sintetizada, o docente se desloca da sua função de transmitir conteúdos e assume a posição de pesquisador; o aluno passa a ser sujeito ativo do processo; e a educação é ressignificada, pois se reconhece como espaço aberto para a vida e para as inquietações dos alunos sobre ela. Questões que à medida que surgem devem ser respondidas pelas atividades realizadas. Desta forma, o conhecimento é construído em plena articulação do conteúdo com aspectos cognitivos, afetivos e sociais permitindo, assim, que pela experiência e pelo trabalho o processo de ensino-aprendizagem torne-se complexo em que além de conhecer é possível intervir na cultura, pois a educação, sob esta postura, esta se apropriando do real, da própria vida.

A pedagogia de projetos, na visão de Hernández (1998a), é uma nova maneira de apresentar os conhecimentos escolares, baseados na interpretação da realidade e nas relações que vão sendo construídas entre o cotidiano dos alunos,

professores, conhecimentos disciplinares e outros saberes não-disciplinares que passam a ser elaborados. Assim, "o*s projetos aparecem como um veículo para melhorar o ensino e como distintivo de uma escola que opta pela atualização de seus conteúdos e pela adequação ás necessidades dos alunos e dos setores da sociedade aos quais cada instituição se vincula."* (HERNÁNDEZ, 1998b, p., 53)

Nas palavras da coordenadora o trabalho com projeto ganha caráter interdisciplinar.

Na educação infantil temos o trabalho com projetos, que atende a diferentes áreas do conhecimento.

Para esse alcance é necessário que haja elucidação quanto a questão da interdisciplinaridade de que "*um projeto interdisciplinar não é aquele que integra o maior número possível de áreas de conhecimento, mas aquele em que essa integração se faz através do sentido que esse conhecimento tem para o sujeito que o busca e o constrói".* (WARSCHAUER, 1997, p. 137)

As perspectivas de coordenar projetos com referência aos ideais da Pedagogia Freinet na educação infantil alicerçam-se no almejo de pensar as crianças como homens em desenvolvimento, como sujeitos da história e do seu tempo; promover esse ideal de educação para a vida.

O desafio de adotar a Pedagogia Freinet em uma instituição privada e urbana na educação infantil é, também na visão de Gabriela, inserir família e escola na mesma concepção educacional; conseguir fazer com que pais que trabalham em longa jornada de trabalho, longe do ambiente familiar, que esperam das crianças, na escola, resultados quantitativos e não processos de construção e formação da personalidade, qualitativos; e esperam da escola que ela seja a primeira instância de promoção educacional dos seus filhos, participação e integração efetivas e valorizem que nesta instituição se *defende e se respeita o ponto de vista da criança, e que partindo disso [ela] aprende conceitos, faz descobertas*[6]*...*

[6] Gabriela Kleinsorgen, coordenadora pedagógica da Escola Criar.

3.4- Educação infantil e Pedagogia Freinet: palavras e ações docentes

Ninguém pode se lançar sem mais nem menos, numa nova técnica para a qual não está treinado... Não se trata de abandonar de repente todo um passado, cujas fraquezas são sentidas, para tentar uma novidade...
(FREINET, 1996a, p. 127)

No capítulo anterior foram apresentados elementos essenciais para professores adeptos à Pedagogia Freinet articularem tal referencial teórico às práticas cotidianas. Freinet atribui importância fundamental ao papel do professor nas mudanças, julgadas pelo pedagogo, necessárias à formação e educação das crianças. É preciso compreender, pois, que esse pensamento advém da forte credibilidade que Freinet atribuía ao seu papel como educador, acreditando significativamente mais no seu cotidiano do que nas teorias que embasaram o pensamento educacional até então. A postura de Freinet (1996a) era implacável na concepção de que "*quaisquer que sejam os títulos de nobreza acadêmica a verborragia não deveria ter maior peso na evolução do nosso processo pedagógico".* (p. 128)

No entanto não negava as teorias tradicionais tão pouco as desconhecia. Toda sua pedagogia foi elaborada a partir de críticas a um quadro educacional, reflexo do político-social de uma estrutura econômica massacrante do povo. Mas a esta questão, ressalta e reivindica a necessidade iminente de uma reeducação, e fala aos docentes: *Não esperamos mais para adaptar nossa educação ao mundo novo que está nascendo...* (FREINET, 1996a, p. 15)

Suas idéias ultrapassam a aversão ideológica ao sistema pedagógico vigente de seu tempo. À crítica da teoria que preexiste à ação Freinet construiu posição epistemológica. Ou seja, diante de uma pedagogia verbalista e estéril, destacou a idéia de que o conhecimento é provisório e depende da busca incessante dos homens para existir. Portanto, sob este paradigma, cabe aos docentes a iniciação das mudanças educacionais. "*Não está ao alcance dos docentes mudar o meio social, embora seja seu dever lutar para este fim nas suas organizações de classe... Mas, além desta luta, em si boa e necessária, eles podem e devem trabalhar aqui e agora para mudar o próprio meio escolar."* (OLIVEIRA, 1995, p. 137)

3.4.1 A rotina da pré-escola na Criar

Mesmo sendo a Pedagogia Freinet enfática na defesa da liberdade de escolha da criança, "*na escola há limitações que se impõem: trabalhos obrigatórios em horas fixas, saídas ao quintal em certas horas do dia, determinadas em função do tempo, da estação, do horário geral*." (FREINET, 1996a. p. 45)

Nas turmas de pré-escolar da Criar há o comprometimento com uma rotina de trabalho. Nesta desenvolvem-se momentos não apenas de construção de conhecimentos, mas também e fundamentalmente, da construção da história de vida do grupo, numa articulação entre a escola, o indivíduo (cada criança), a sociedade (os alunos enquanto grupo) e a vida, porque no decorrer da rotina os conhecimentos de mundo orientam as práticas escolares.

O estabelecimento de uma rotina que se fundamenta em rodas, momentos livres e atividades, é a viabilização da ascensão da potência da vida infantil, é o respeito à sua natureza, ao seu presente e ao futuro, enfim à sua condição de ser criança.

Apesar de se caracterizar como rotina, o cotidiano das turmas de pré-escolar que foram pesquisadas é significativamente flexível. Inicia-se o dia com a formação da primeira roda, chamada também de Roda das Novidades. Esse momento é o começo do diálogo e interação da turma, em que cada aluno mostra o que traz do mundo, seja por objetos ou pela oralidade, contando fatos que lhes tenham mais significância. A roda como parte da rotina pré-escolar é de importância incomum, pois auxilia a organização de trabalhos coletivos, as crianças se vêem como parte de um grupo e, então, sentem que precisam construir, participar e respeitar as regras que compartilham.

O papel da professora, enquanto participante, também nesta atividade, é o de coordenar a conversa. É o de alguém que, problematizando as questões que surgem, desafia o grupo a crescer na compreensão de seus próprios conflitos. (FREIRE, M. 1995, p.21)

Roda das Novidades da turma de pré-escolar (turma 3) em que a novidade de Lucas é um mapa.

As duas turmas em que o trabalho ocorre com crianças de cerca de quatro anos são mediadas pelas professoras Ana Paula Pereira Antunes[7] e Michelly Azevedo Costa Duarte[8]. A sala liderada por Ana Paula, que chamaremos de Turma 1, atende a dezesseis crianças; a Turma 2, em que a docência é função de Michelly, atende a dezessete alunos; e a terceira turma de pré-escola do Criar, em que são educadas vinte e duas crianças de cerca de cinco anos de idade, mediada por Danielle Ribeiro[9], será chamada de Turma 3.

As turmas 1 e 2, por atenderem crianças de comum faixa etária, trabalham simultaneamente os mesmos projetos pedagógicos, promovendo, assim, a interação entre os dois grupos sob diversos aspectos. As palavras docentes que seguem, demonstram referência ao cumprimento de uma rotina preestabelecida, mas trazem também a flexibilidade citada anteriormente. Pela semelhança das descrições feitas de suas práticas, as professoras das referidas turmas confirmam a articulação efetiva dos trabalhos entre os dois grupos.

Trabalho no cotidiano através de uma rotina, que envolve toda a turma, através de conversas, atividades permanentes, pesquisas, experiências, músicas, histórias... (Ana Paula, turma 1).

[7] Graduanda do 4º período do curso de Pedagogia da Faculdade Estácio de Sá, formada em magistério pela modalidade de Curso Normal. Trabalha há sete anos na Escola Criar na educação infantil.
[8] Formada em magistério pelo Curso Normal; especializada por curso adicional em educação infantil. Trabalha há treze anos na Escola Criar e a nove com educação infantil.
[9] Formação de professora em nível médio e formação superior em Propaganda pela Universo e Marketing pela ESPN. Trabalha há nove anos na Escola Criar na educação infantil.

Alunos da turma 1 na roda de música ao som Boneca de Lata, de Bia Bedran.

Trabalho no dia-a-dia com uma rotina baseada no diálogo, em atividades de pesquisa e outras permanentes; com experiências , músicas e histórias, incentivando o aluno a ser mais independente na realização das tarefas diárias. (Michelly, turma 2).

Alunos da turma 2 na roda de histórias .

Além das novidades, a primeira roda incita o senso de responsabilidade, que configura um dos objetivos da Pedagogia Freinet. Assim, que chega à sala, o aluno deve pegar o lanche que trouxe de casa e colocá-lo na bandeja que seguirá para a cantina; ou, comprá-lo na hora. Deve pegar as agendas e colocá-las na cesta apropriada a esta finalidade; pegar a almofada e se acomodar na roda. Antes de apresentarem suas novidades, a professora e os alunos olham o quadro de

responsabilidades fixado na parede, em que está indicado que crianças devem, a cada dia da semana, levar as cadernetas, buscá-las, etc.

Por conseguinte há a realização da primeira atividade que depende do planejamento e do projeto em andamento. Nas turmas 1 e 2 está em processo de finalização o projeto "Música Boa para Criança Ouvir", em que foram ouvidas músicas de Toquinho, Vinícius de Moraes, Bia Bedran, Grupo Olá, Xuxa, Aline Barros e Eliana; e está em iniciação o projeto "Um Tanto de Coisinhas que Deixa Todo Mundo Feliz", em que são trabalhados atitudes e comportamentos das crianças.

Alunos da turma 1 vivenciando o projeto "Um tanto de coisinhas que deixa todo mundo feliz".

O projeto "Um Tanto de Coisinhas que Deixa Todo Mundo Feliz" na turma 2.

Ao término da primeira atividade, as duas turmas vão juntas para o momento de “ar livre” que pode ocorrer em diversos ambientes da escola: pomar, parquinho, areia. Retornam à sala fazem o momento de higiene, lavando as mãos, para merendarem, e posteriormente se organizam para a higiene bucal. Em seguida formam outra roda de contação de histórias ou de músicas que antecede a segunda atividade. Depois que as crianças a realizam vivem outro momento de “ar livre”; tempo depois retornam à sala para a organização final do dia de trabalho.

Crianças das turmas 1 e 2 em momento de ar livre.

A turma 3 segue a mesma estrutura de rotina de rodas, atividades e momentos de ar livre. O que a diferencia mais significativamente sãos os projetos e a iniciação ao reconhecimento da escrita.

Crianças da turma 3 em momento de ar livre.

A turma 3 está trabalhando a Grécia Antiga. A partir desse projeto, mitologias, mapas, bandeiras, templos, enfim, a cultura grega é estudada. De acordo com a professora Danielle, apesar de realizar projetos pré-estabelecidos, a sua prática se procede a partir do conhecimento de mundo da criança.

Minha prática é baseada no conhecimento prévio das crianças, pois, a partir deste conhecimento direcionamos (coordenação – direção- - professora) o projeto pedagógico já estabelecido e escolhido por conta da faixa etária, necessidade do grupo e interesse do mesmo. Claro, estimulando sua criatividade e oferecendo meios para tornarem-se cada vez mais autônomos em suas opiniões e atitudes. (Danielle)

Turma 3 : Projeto Grécia Antiga.

Respeitar a autonomia e a percepção de mundo é uma atitude que cabe à condição humana e não exclusivamente à escola. Freire (1996) nomeia tal respeito como imperativo ético, e enfatizando a importância dessa ação obrigatória na escola, explica que "*o professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem (...), que se furta do dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos da nossa existência."* (p. 60)

Assim, através da rotina e de projetos, as possíveis articulações entre teoria e prática se evidenciam, principalmente a respeito de uma educação humanizada com base no desenvolvimento da personalidade individual e da cooperação entre os sujeitos participantes

3.5 Freinet nos discursos e nas ações

É imprescindível o esclarecimento dos profissionais sobre a base teórica da instituição em que trabalham. Assim, buscou-se, antes das observações das ações pedagógicas, a consciência sobre a Pedagogia Freinet das turmas da pré-escola da Criar, e a partir dela como se fundamenta a ação pedagógica.

3.5.1 A turma 1: Motivação e Vida na escola.

Freinet Criou várias técnicas pedagógicas, uma delas seria a aula passeio, pois acreditava que o interesse da criança não estava na escola, e sim, no que acontecia fora dela. Freinet idealizava esta atividade com o objetivo de trazer motivação, ação e vida para a escola. (Ana Paula)

A docente demonstra em seu discurso ter consciência das técnicas freinetianas e dos objetivos de seu criador, e assume a prática de algumas delas, enfatizando características de formação humana coletiva, trabalhando pela cooperação; e individual através da autonomia, criatividade, reflexão e auto-avaliação. Assim, sob análise de seu discurso, é perceptível que Ana Paula consegue enlaçar a Pedagogia Freinet nos campos teórico e prático.

Utilizo desse autor em minha turma a técnica pedagógica da aula-passeio, do texto livre, trabalhando também o senso de responsabilidade, o senso cooperativo, a autonomia, a criatividade, a auto-avaliação, a reflexão individual e coletiva e a afetividade. (Ana Paula)

Ao conjunto de tais objetivos torna-se mais consistente dizer que

> *a motivação, o interesse, a curiosidade, o questionamento, a alegria criarão condições para que o meio físico e o meio humano constituam-se numa fonte de atividades e descobertas felizes. Eles também vão se integrar naturalmente na vida social, na vida afetiva e no conteúdo de todas as disciplinas do currículo escolar: matemática, ciências, estudos sociais, línguas, artes, filosofia, trabalhos manuais e educação física.* (SAMPAIO, 1996, p.180)

O trabalho com respaldo nesta pedagogia, quando específico para a educação de crianças pequenas, necessita de certas particularidades. Uma destas é a elucidação do docente quanto ao seu papel na formação da humanidade mais justa, solidária e significativamente mais humana, formada por homens felizes, autônomos e cooperativos. Então, baseada pela Pedagogia Freinet, Ana Paula resume essa consciência através da realização de sua prática.

O trabalho é realizado partir dos princípios e objetivos básicos que são a autonomia e a cooperação, onde o nosso papel de educador é contribuir para o desenvolvimento de cidadãos, para uma sociedade verdadeiramente democrática, valorizando a produção cultural infantil. (Ana Paula)

Quanto à educação para a democracia, Morais (1996, p. 139) afirma que esta deve "*formar para o respeito à justiça e ao direito individual e coletivo do outro. Se houver limite para a liberdade, será o limite imposto pelo direito do próximo".*

O desenvolvimento de cidadãos implica numa educação voltada para a cidadania, que na Pedagogia Freinet pode ser sintetizada pelo que representa e pelas conseqüências positivas que gera a construção de uma sociedade mais igualitária.

> *A cidadania é, no fundo, um exercício de comunicação e de transmissão interpessoal, intergrupal e interinstitucional. A construção da cidadania só existe, também, com o progresso, com o desenvolvimento. No processo escolar, isto se caracteriza no crescimento de uma competência, de uma formação. É por isso que uma sociedade deve investir maciçamente em sua educação. O recurso humano - o homem - passaria a ser o maior bem da sociedade.* (MORAIS, 1996, p. 140)

Outro princípio destacado pela professora é a valorização da produção infantil. Esta somente se efetiva num ambiente onde as crianças são convidadas a se expressarem livremente, incentivando a criatividade e a imaginação.

Na prática de Ana Paula, pode-se sobressaltar a estima à atuação da criança nos projetos e atividades propostas e às problematizações apresentadas. A exemplo, durante o projeto "Música Boa Para Criança Ouvir", dispôs uma atividade a qual denominou *Gigante*, por ser uma produção do corpo humano do tamanho das crianças. Um dos alunos deita no papel pardo, é contornado e depois o desenho é completado com as características de um dos cantores estudados durante o projeto. Foram escolhidos, então, Xuxa e Vinícius de Moraes. Com cuidado a professora se preocupa com que cada aluno participe da construção do *gigante.* Ana Paula orienta a atividade sempre com referência à imagem dos cantores. Assim, começando por Vinícius de Moraes, pergunta primeiramente, em linguagem compreensível às crianças, qual o sexo da pessoa a ser desenhada. A partir das respostas conduz os passos seguintes. Se fosse ser desenhado o cabelo, problematizava o tamanho, a cor, perguntava se alguém da sala tinha a mesma cor de cabelo, etc. A participação dos alunos era extraordinária, na vontade que demonstravam em fazer alguma parte do corpo, assim como, de dar opiniões. Um dos alunos, João Marcelo (4 anos), confirmando sua atenção na atividade realizada lembrou de desenhar as orelhas do cantor.

"Tia, não pode esquecer das orelhas também" (João Marcelo, 4 anos)

Articulada ao projeto, esta atividade, através das perguntas da professora, refere-se, também, à atividade "Completando a Figura Humana", em que as crianças receberam a imagem da cabeça em recorte de revista e completaram com desenho, como mostra a imagem.

Algumas produções da turma 1 a partir da atividade Completando a Figura Humana.

As questões levantadas pela professora, aproximando conhecimentos prévios, conceitos e conteúdos já trabalhados, opinião, participação, mostram que ser educador é

> *... acreditar no ser humano em qualquer faixa etária (...) construindo com ele suas próprias regras, questionando-as, experimentando-as quanto a sua realidade, solicitando opiniões ou até mesmo simulando alguma situação sua para que o grupo possa chegar a dele. Então teremos regras de moral não formuladas pelos adultos, mas sim dirigidas ao educando com matizes especiais que ficarão, certamente, da sua vida em comum um código de bem-estar.* (BASTOS FILHO, 1996, p. 23)

3.5.2 A turma 2 : Formação de homens livres, autônomos e responsáveis.

Utilizo a aula-passeio, texto livre. Trabalho o senso de responsabilidade, senso cooperativo, a autonomia, a criatividade, a reflexão individual e coletiva e a afetividade. Freinet idealizava esses princípios com o objetivo de transformar a educação, formar homens mais livres, mais autônomos e mais responsáveis. (Michelly)

A professora indica, pelas palavras citadas, conhecer a Pedagogia Freinet, e a assume em sua prática em atividades e atitudes que comprovam a possibilidade de adotar este referencial teórico em uma instituição particular e urbana.

Em anos anteriores, levamos os alunos, durante o projeto "Espaço Sideral", ao Planetário. Antes, na sala, eles construíram um foguete e se fizeram astronautas em um livro que produziram. Eles adoraram. Foi uma experiência fantástica! (Michelly)

A prática das aulas-passeio, considerada por Sampaio (1996) como aulas de descobertas, promove a autonomia, pois a criança vive situações reais que exigem dela responsabilidade, que despertam novos conhecimentos e concomitantemente novas dúvidas e a tornam consciente de suas habilidades e limites, assim como, de suas capacidades para superá-los. Promove também a cooperação, pois a criança vê o outro (professor, colegas de classe, pessoas vivendo fora do ambiente escolar) de forma diferenciada de como comumente as percebe quando limitada às situações escolares.

Quanto às especificidades da Pedagogia Freinet na educação pré-escolar, compreende que a prática deve ser realizada

através da autonomia e cooperação, que exige de nós professores uma organização criativa do trabalho, por meio da observação, do registro e do planejamento, sempre tendo em vista o respeito à criança e à diversidade, ajudando-a na formação de sua personalidade. (Michelly)

Tomar a sensibilidade, atenção, organização do trabalho cotidiano e a criatividade como funções do docente para a educação humana é fundir as ações pedagógicas ao referencial teórico freinetiano, pois ao papel do educador, Freinet destaca a necessidade de criação, autoria e dedicação. "*Prática e teoricamente, é o professor que vai traçando as próprias trilhas pedagógicas, aprofundando alguns conceitos, descobrindo e redescobrindo técnicas capazes de lhe facilitar a tarefa de orientar a aprendizagem dos alunos."* (ELIAS, 1996, p. 55)

O período de observação na sala de aula da turma 2, permitiu inferências de que a professora, Michelly, reconhece na liberdade da criança a base de sua formação humana e o respeito à sua natureza, visto que atividades deste caráter se mostraram freqüentes, como corte e colagem, A professora distribui diferentes papéis, de diferentes cores, espessuras; tesoura e cola. Dispostos os materiais ao alcance das crianças, sem sentirem o fardo da obrigatoriedade, exaltam criatividade e imaginação, demonstrando o prazer em trabalhar pela liberdade.

Alunos da turma 2 produzindo atividade livre de recorte e colagem.

Segundo Freinet (1996a), é conhecido o gosto das crianças pelas imagens e a alegria que sentem ao cortar, colar, guardar. E este gosto deve ser compreendido e permitido ser satisfeito pelo professor. Os resultados extrapolam a produção visível

no papel. A criança se torna protagonista da sua aprendizagem, pois é partindo de suas expressões, seus conhecimentos e conceitos que decorre a educação.

Produção de recorte e colagem de alunos da turma 2.

À produção livre da criança, Freinet aponta a importância de não julgá-la, de não impor regras ou normas dicotômicas e castradoras. É fundamental que seja respeitada a sua liberdade de expressão. "*Não dê nenhum conselho, não julgue... Contente-se com se interessar pela obra realizada, que sempre tem grande parte de originalidade, utilize-se para fazer a criança falar, para estimulá-la a se exteriorizar e a se socializar."* (FREINET, 1996a, p. 36)

Tais percepções acerca do trabalho realizado pela professora na turma 2, permitem a apropriação das palavras de Freinet para definir a ação pedagógica como prática que respeita *o curso natural do desenvolvimento infantil, levando a criança a conhecer-se, a dar vazão aos seus sentimentos, a sentir-se importante, a sentir-se gente.*(SAMPAIO, 2002, p. 153)

3.5.3 A turma 3: Criatividade e autonomia dos conhecedores em potencial.

O objetivo de Freinet é desenvolver uma escola popular, onde o aluno possa viver e participar da sociedade. Partindo da visão de Freinet é possível observar sua preocupação em renovar o ensino desenvolvendo uma forma mais construtiva e dinâmica, fazendo com que o aluno possa desenvolver suas habilidades. Este também é um dos nossos objetivos. (Danielle)

A professora da turma 3, Danielle, revela compreender o conceito de educação popular, proposto por Freinet, numa perspectiva não exclusiva à educação das crianças do povo. O compreende como a inserção social destas pela escola, em que todas as crianças, independente da classe social, têm necessidade de pão e de rosas.

> *As crianças têm necessidade de pão, do pão do corpo e do pão do espírito, mas necessita ainda mais do seu olhar, da sua voz, do seu pensamento e da sua promessa. Precisam sentir que encontram, em você e na sua escola, a ressonância de falar com alguém que as escute, de escrever a alguém que as leia ou as compreenda, de produzir alguma coisa de útil e belo que é a expressão de tudo o que trazem nelas de generoso e de superior*. (FREINET, 1996b, p. 104)

A riqueza da educação popular está em compreender o ensejo de pão e rosas, do que é útil e necessário, do que alimenta o espírito e o instinto humano.

Discursando sua prática, Danielle, fala do desenvolvimento de habilidades infantis. A estas, que podem se caracterizar sinteticamente como mecânicas, intelectuais e artísticas, Freinet devota o progresso quando são promovidas num ambiente onde é permitido as crianças às suas expressões pela fala, escrita, pelo corpo, gestos e diferentes linguagens; onde lhe é facultado o exercício do direito de pensar e exprimir seus pensamentos.

Quanto ao trabalho relativo à educação infantil embasado na pedagogia freinetiana, a professora acredita ser necessário diluir a noção romântica da infância.

É preciso desfazer aquela idéia de que crianças em idade de educação infantil vão para a escola apenas para brincar. Posteriormente, atribuir ênfase ao trabalho, dando grande importância aos trabalhos manuais e aos trabalhos intelectuais. E acima de tudo, inseri-las na sociedade, como seres participativos. (Danielle)

Atividades mecânicas ou manuais são na Pedagogia Freinet aquelas que possibilitam que a criança, a partir de suas vontades e necessidades, domine os objetos e exerça sobre eles a criatividade e autonomia. As atividades entendidas como intelectuais são as que

> *permitem à criança entrar em contato com seus semelhantes, extremar e formular suas necessidades, desenvolver e aprofundar a consciência que tem das relações entre os elementos e suas manifestações, dominar progressivamente a natureza pela*

> *linguagem – que depois das mãos, é a primeira e mais eminente das ferramentas -, pelo desenho, escrita, a imprensa e a leitura.* (FREINET, 1996a, p. 33)

Acrescenta-se aqui a ênfase de Freinet à importância das atividades de expressão artísticas, que embora não tenham sido ressaltadas pelo discurso da docente, fica explícita a prática e valorização de trabalhos desse caráter no cotidiano escolar que ela propõe.

A atividade apresentada pela imagem abaixo não está diretamente associada ao projeto que estuda a Grécia, mas busca misturar a expressão artística com o conteúdo de reconhecimento das letras. Sob esta perspectiva já foram trabalhadas as letras “A”, “B” e “C”. Enquanto proposta para uma turma de pré-escolar essa atividade configura-se, não na aceleração de conteúdos, mas se é possível assim dizer, no desenhar de letras, no contato com imagens, formas de escrita e nomeação que futuramente serão as referências simbólicas para a construção da aprendizagem formal.

Alunos da turma 3 em atividade artística de desenho (das letras , B e C), pintura.

Freinet defende essa perspectiva de que a criança ao desenhar prepare-se para a escrita. Seguindo o seu desenvolvimento, “*a criança se liberta do desenho, que segue seu desenvolvimento particular, e passa a desenvolver a escrita propriamente dita.”* (SHIMIZU, 2004, p. 46)

As técnicas de expressão pelas artes *possuem eminente virtude formadora, tem valor de ferramentas preciosas para a conquista da pujança pela criação e pelo trabalho.* (FREINET, 1996a, p.102)

As distorções ideológicas das funções do primeiro nível da educação básica como restrita à ludicidade, Freinet distingue a função da brincadeira, também necessária, da função do trabalho. Freinet sinaliza a importância das brincadeiras vivas, sem artefatos mercantis que desenvolvem o egoísmo, a vaidade e a competitividade, mas que "n*ão deixam ficar nada no espírito da criança que unicamente se sente feliz por ter brincado... podem resultar blusas sujas ou rasgadas, sapatos estragados, corpos a transpirar... é o preço natural da actividade."* (FREINET, 1974, p. 12)

As brincadeiras livres, vívidas e intensas são mais próximas da natureza infantil e, por isso são tomadas na Pedagogia Freinet como via de liberdade e caminho para o equilíbrio humano. Na escola é preciso conceder à brincadeira o seu lugar, para tanto, Freinet destaca a necessidade das crianças experimentarem momentos livres.

Crianças da turma 3 vivendo o momento de ar livre.

As análises da rotina da turma 3 da pré-escola da Criar em articulação com a Pedagogia Freinet permitem deduções empíricas mas que se fundamentam em estudos do próprio referencial teórico. A professora, Danielle, esforça-se significativamente para promover uma educação pelo trabalho que atenda ao belo e ao necessário; a uma educação que alimente as crianças com pães e rosas. Essa

tomada de consciência da integração do trabalho à educação consente *a relação direta do homem com o mundo físico e social.* (PAIVA, 1996, p. 11)

3.6 Desafios e perspectivas: concretizações na prática e caminhos possíveis.

Além dos desafios já destacados durante o desenvolvimento desta pesquisa, é na prática das professoras e no cotidiano que são possíveis de serem identificados. Em depoimento a professora Ana Paula diz que brinquedos que fazem alusão a desenhos de lutas imperam na sala de aula. Os considerados heróis e vilões de filmes e desenhos animados participam do dia-a-dia representativamente por mochilas, acessórios personalizados, brinquedos e principalmente na imitação das crianças das atitudes assistidas nos mesmos. Fato que aparentemente pode ser considerado ingênuo, mas que dificulta a formação da sociedade cooperativa, porque esses personagens são sinônimos de lutas, adversários, da necessidade de vencer e consequentemente de derrotar o "inimigo". As outras crianças da turma, e não se pode esquecer que elas são homens em desenvolvimento e que já estão em processo de construção da humanidade a que pertencem, mesmo que em situação lúdica se transformam em inimigos, adversários que precisam ser vencidos; para isso usam armas (de brinquedo), palavras que incitam violência e competitividade. Esse tipo de comportamento é constantemente repreendido pela professora, que lembra a importância da afetividade, da cooperação e da solidariedade. Comportamentos que se tornaram regras da turma, fixadas num mural.

Essas atitudes, mesmo sendo de fundo lúdico ou inconsciente, pervertem a infância e concretizam-se como exemplo da adaptação humana ao ambiente transformado, violento e desigual.

> *Observemos as crianças a brincar e ficaremos assustados com os estragos: por todo lado são puns*! Que fazem vacilar as vítimas, que se voltam no último instante para atacarem de costas < taratátás > que varrem as multidões. Os gestos do punhal que se crava no peito e na pistola que se maneja a queima-roupa tornam-se hoje familiares a todas as crianças...* (FREINET, 1974, p. 102).

* Estrondo; detonação.

Configura-se também no que Freinet chama de aclimatação do instinto. Se o homem não se adaptar ao mundo desfigurado que encontra desde o seu nascimento, morre, extingue-se. Mas, esta adaptação não ocorre sem danos consideráveis à personalidade e cultura infantis; ela refletirá na sociedade de amanhã.

> *Se as crianças brincam a imitar a loucura dos adultos, como poderíamos nós censurá-las, quando nós é que devíamos ser censurados primeiro pelo exemplo deplorável que lhes impusemos? Deixamo-las então brincar e contentamo-nos em lhes fazer compreender o horror e a inutilidade das guerras de que fomos os actores, espectadores e vítimas.* (FREINET, 1974, p. 117)

As funções asseguradas às crianças na pedagogia baseada no amor, na afetividade, liberdade e cooperação, proporcionam a vivência de diferentes papéis que não o de vencedor ou derrotado: "*o de responsável, o do que sabe e ajuda, o do que solicita auxílio, o do que recebe e passa informações, o do que reclama, o do que recebe críticas, o do que propõe e realiza". (*FREINET, 1974, p. 38). Auxiliando desta forma os ideais da Pedagogia Freinet, pois a criança se compreende como sujeito social e não como individuo único disposto a extremos para superar os demais.

Encontra-se nesse sentido a importância da afetividade como princípio formador dos homens e a escola *é uma das instituições criadas pelo amor para favorecer a humanização e, por isso, tem grande responsabilidade na educação moral das novas gerações.* (GRANZOTTO, 1996, p. 109)

Durante os momentos de ar livre, não raras vezes, as crianças tentavam arrancar flores e folhas das árvores para ressignificá-las em suas brincadeiras. A cada tentativa eram repreendidas pelas professoras que valorizavam os elementos da natureza e exaltavam a necessidade de cuidar e protegê-los.

A reação das professoras e as sugestões que propõem diante dos desafios que se apresentam, estão de acordo com as conclusões de Freinet, numa perspectiva de êxito no equilíbrio necessário da natureza humana com o ambiente. Nesta recuperação do equilíbrio, *a cultura humana será, então, a flor esplêndida, promessa segura do fruto generoso que amadurecerá amanhã.* (FREINET, 1996b, p. 7)

Outro desafio que vem sendo constante é a dificuldade que as instituições educacionais têm de perceber o aluno como sujeito ativo, construtor de conhecimentos, cultura e história.

Muitas escolas não acreditam nessa pedagogia de Freinet, onde o aluno é parte essencial na construção do seu próprio conhecimento. (Ana Paula, turma 1)

O costume de práticas hierárquicas se consolidou como exclusiva maneira de educar, em que a função da criança é repetir, memorizar, responder a pergunta de alguém superior, com uma resposta que já está pronta em livros e em outros materiais utilizados como referencial teórico. Na Pedagogia Freinet não se pretende que o aluno decore pensamentos de outrora, mas idealiza-se, e pratica-se um trabalho em que a criança aprenda a construir conceitos a partir de suas experiências laboriosas; aprenda a pensar, questionar, duvidar, pesquisar, registrar, comunicar e construir sua própria aprendizagem. Este é o caminho da reeducação proposta por Freinet, e o resultado deste processo de mudança será reconhecido

> *quando o aluno, fugindo à regra da escola [tradicional], realizar pelos campos, pelos caminhos, pelos bosques, pelo menos uma parte dos seus sonhos; quando o professor encontrar as forças vivas provindas de uma nova compreensão do dinamismo da sua função educacional, então você verá o que pode suscitar de atividade e de audácia, uma vida cuja grande lei – apesar de tudo – é triunfar!* (FREINET, 1996b, p.52/53)

Na prática da Escola Criar, o desafio de adotar a Pedagogia Freinet perpassa pela forma diferenciada de compreender o processo de educação e as formas de educar.

Em grande parte das escolas a prática da Pedagogia Freinet requer muito trabalho e exige interesse do próprio professor, pois o mesmo seria mediador entre o aluno e o seu desenvolvimento, o que tornaria a prática mais dedicada, participativa e cooperativa, caracterizando um desafio às escolas. (Michelly, turma 2)

O desafio à função do professor se edifica como questão de significativa relevância nas palavras da docente, e também nas pesquisas de Freinet. Oliveira (1995) registra o compromisso e a dedicação que o *educador Freinet* deve assumir com sua prática, com o desenvolvimento da personalidade individual dos seus

alunos, da construção do senso cooperativo e solidário e da humanidade. Nesse sentido, todos nós educadores, devemos *reinventar, criar, assumir nossa dimensão de autoria* (p. 217)

> *Pelas urgências às quais são submetidos, pelas condições materiais e psicológicas em que trabalham, pelo lugar, enfim, que lhes é atribuído na sociedade, [aos professores]... Não cabe elaborar teorias ligadas á prática educativa. Eles a recebem de outros pesquisadores, em particular, cuja função social é esta. Como diria Paulo Freire, recebem essas teorias com 'doações'. Não se lhes reconhece o direito de teorizar sobre a sua própria prática.* (OLIVEIRA, 1996, p. 46)

O papel do professor diante da geração que educa, na Pedagogia Freinet, deve ser preparar e oferecer-lhe ambiente, trabalho e experimentação capazes de contribuir para a sua formação; preparar os caminhos que trilhará segundo o ritmo de sua personalidade e de suas necessidades.

Sob a interpretação de Danielle, adotar a Pedagogia Freinet na Escola Criar tem como principal desafio a subjetividade que pais e educadores carregam de suas vivências enquanto estudantes de escola tradicional.

A princípio o desafio era diluir o conceito que pais de nossos alunos ou até mesmo nós, professores, carregávamos por conta da nossa experiência enquanto alunos, onde o ensino tradicional prevalecia. Este que, era inimigo do experimental, fechado, contrário à descoberta, ao interesse e ao prazer. O desafio foi justamente este, desfazer o que um dia vivemos, pais e professores. Contudo, os conceitos se divergem. Pois, ainda, existem pessoas que acreditam no tradicional. (Danielle, turma 3)

A esse respeito, Elias (1997) fortalece a idéia de que

> *quer se trate do domínio dos primeiros movimentos do recém-nascido, quer se trate da aprendizagem do caminhar, da linguagem, de andar de bicicleta, da prática de trabalhador rural, de mecânico ou médico, tudo isso diz respeito à tentativa experimental. Somente na escola se julga poder agir de outro modo, através do método dito científico. Persuadiam-nos de que os métodos habituais eram imprecisos e ineficazes por arrastarem simultaneamente todo um conjunto de problemas, enquanto que a análise e a síntese instituíam uma espécie de trabalho intelectual em cadeia, cuja economia era incontestável.* (p. 95)

Na perspectiva, porém, de uma pedagogia que se fundamenta na criança e nas suas necessidades vitais, é preciso a reformulação dos elementos educacionais; é necessário, pois, para o alcance de tal reformulação, que pais e educadores desvencilhem-se dos conceitos dicotômicos que marcaram a educação de suas infâncias e passem a desejar e a promover a educação de seus filhos e alunos baseada no equilíbrio e na harmonia da natureza humana e ambiental; das condições de desenvolvimento individual e coletivo; da construção do presente mais humano, natural e justo e do futuro, não utopicamente melhor, mas realmente possível.

> *Se um dia os homens souberem raciocinar sobre a formação dos seus filhos como o bom jardineiro raciocina sobre a riqueza do seu pomar, deixarão de seguir os eruditos que, nos seus antros, produzem frutos envenenados que matam ao mesmo tempo quem os produziu e quem os come. Restabelecerão valorosamente o verdadeiro ciclo da educação: a escolha da semente, cuidado especial do meio em que o indivíduo mergulhará para sempre as suas raízes poderosas, assimilação pelo arbusto da riqueza desse meio.* (FREINET, 1996b, p. 7)

As perspectivas se fortalecem à medida que os resultados vão se mostrando positivos na história da Escola Criar. A proposta freinetiana intenta que pais e educadores reconheçam e propiciem à educação dos infantes, saúde, lugar de honra e conforto na sociedade e felicidade a fim de que "*...sejam educados para a vida, segundo métodos da vida, no seu meio, para serviço do seu meio... A vida e a luta farão o resto."* (FREINET, 1974, p. 176)

Por efeito dessa primazia, a criança não será limitada ou à educação no seio familiar ou à educação escolar tradicional; Será, pois, educada numa sociedade da qual é, e se reconhece, como elemento ativo, criativo e produtor. Dessa forma, o triunfo da formação humana se consolidará ao substituir a educação de meninos mimados e egoístas, despreparados para os obstáculos naturais da vida pela formação da criança *que foi educada na obrigação de se desembaraçar, que sabe lutar, correr, subir às árvores...* [uma educação] *que estimula os homens de boa têmpera.* (FREINET, 1974, p. 178)

A nossa perspectiva é contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis, auxiliando o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas. (Ana Paula, turma 1)

A nossa perspectiva é contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis, compreendendo, conhecendo e reconhecendo o jeito particular das crianças serem e estar no mundo, de um jeito muito próprio. (Michelly, turma 2)

Outra perspectiva das professoras em praticar a Pedagogia Freinet em uma instituição particular e urbana, no confronto com os ideais freinetianos e os contextos reais já apresentados, é reconhecer a natureza da criança e valorizá-la como autora da construção de sua aprendizagem. Toma-se aqui o conceito de aprendizagem defendido por Perez (1992) de que esta "*é o resultado do processo de interação sujeito/mundo. Neste processo o mundo assume a condição de objeto – o que define quantitativa e qualitativamente, o processo de construção de conhecimento pelo sujeito."* (p. 15)

Quando o ambiente e os adultos respeitam a natureza infantil, à criança é concedida a oportunidade de organizar-se física e emocionalmente para entregar-se à plenitude da vida, o que potencializa sua natureza e matura o desabrochar pra o desenvolvimento do seu destino de homem individual e coletivo, autônomo e cooperativo. O respeito à natureza infantil implica na liberdade de ritmos e necessidades da criança, na permissão e orientação a todos os recursos e barreiras possíveis que encontrar pelo percurso da vida.

> *Toda coerção e obstáculo que dificultam e impedem essa realização dinâmica do destino íntimo do ser são sentidos como uma ruptura perigosa do equilíbrio necessário. A queda do potencial de vida suscita um sentimento de inferioridade e de impotência. (...) É, ao contrário, do recarregamento natural desse potencial de vida que o homem tira seu sentimento de potência, que lhe é tão essencial como a própria respiração, da qual cada falha provoca uma opressão e cuja satisfação é como uma exaltação desse instinto de vida...* (FREINET, 1998a, p. 13)

A articulação do discurso da professora Michelly com as práticas da pedagogia freinet permite a afirmação que a educação oferecida pela Escola Criar visa a elevação dessa potência, tornando a referência teórica uma pedagogia sadia e transformando a escola em espaço de vida.

Sob um discurso não mais de perspectivas, mas de certezas, Danielle firma que apesar dos limites e dos contextos, na Escola Criar se pratica uma educação

popular que valoriza a formação humana social e que se preocupa com as gerações que educa.

Nós da Escola Criar, pensamos, divulgamos, acreditamos e concordamos com Freinet, pois somos profissionais que contribuímos para o desenvolvimento do ensino oferecendo uma escola ativa, dinâmica, historicamente inserida com a construção de um contexto social e cultural. Destacando que o aluno deve ter uma dimensão social, evidenciada pela defesa de uma escola centrada na criança, onde a criança não é vista como um ser isolado, mas desenvolvendo suas habilidades na sociedade. (Danielle, turma 3)

Na soma de desafios, perspectivas e certezas, a inserção da teoria e da prática da Pedagogia Freinet na educação infantil de uma escola que se assume freinetiana atendendo a um público que economicamente embasa as críticas de Freinet ao sistema político-ideológico do capitalismo, num ambiente que ele caracteriza como artificial, tem-se uma pedagogia que luta por ideais humanos; que busca pela escola mais que um caminho pedagógico novo, crítico ao tradicional, mas busca um caminho para a salvação dos homens através de uma educação de valores.

De tudo o que foi possível constatar, fortalece-se a idéia supracitada de que os desafios vencidos e as perspectivas alcançadas pelos professores e pela própria escola elevam o desejo de alcançar por este rumo, "*além do máximo êxito escolar, uma nova compreensão de seu papel de educador e a eminente satisfação interior que anima e recompensa a generosidade compreensiva dos despertadores de almas".* (FREINET, 1996a, p. 47).

4. Conclusão

Em face das discussões, reflexões e inferências produzidas por esta pesquisa, pretende-se contribuir para a compreensão do sentido verdadeiramente humano da pedagogia elaborada por Célestin Freinet. Conclui-se que, mais que um julgamento desfavorável ao modelo pedagógico tradicional, Freinet criticou a submissão do poder formativo da educação à estrutura político-ideológica do sistema capitalista; e mais que a defesa da educação para um público determinado, Freinet alerta a humanidade dos desvios, vícios e erros cometidos pela educação em nome de uma cientificidade abstrata, e os classifica como prejudiciais ao presente, ao futuro e à história. Sua pedagogia, então, sinaliza esse retrocesso e sugere propostas para o reencontro necessário da educação e da escola com a vida, valorizando em supremacia o caminho da evolução humana ao progresso científico.

Projeta-se a compreensão de que a defesa ao ambiente natural não se limita à questão ambiental e também não se esgota no equilíbrio desta com a natureza humana. A intenção desta pesquisa está em potencializar a perspectiva de Freinet da qualidade inexaurível da vida, sua capacidade de renovação, sempre fecunda, e defender que a educação, pela escola, deve submeter-se a tais condições naturais.

Não se pretende fixar conclusões acerca da Pedagogia Freinet, ao contrário, almeja-se duas prospecções iniciais. A primeira, fazer sentido aos sujeitos que configuram este estudo de caso, permitindo-lhes refletir suas práxis e construir suas próprias conclusões. A outra é lançar interpretação e análise de que a Pedagogia Freinet, mesmo quando adotada em uma instituição privada e urbana, não distorce suas reais intenções. Como toda prática, partindo de uma teoria, encontra limites, mas amplia-se nas diversas possibilidades de renovação e adaptação.

Portanto, a ambição principal desta pesquisa foi contribuir no lançamento de sementes para uma nova educação a serviço da vida e da humanidade; ser um caminho para o *desabrochar* da verdadeira educação, como a defendida por Freinet.

Referências Bibliográficas:

BASTOS FILHO, Audir. Simples como Freinet. Rio de Janeiro: Composto e impresso na Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1996.

BRASIL. Lei nº. 9.394 – 20 dez. 1996, Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB).

CABRAL, Maria Inez Cavalieri. De Rousseau a Freinet ou da teoria à prática: uma nova pedagogia. São Paulo: Hemus, 1978.

CANIATO, Rodolpho. Com(ns) ciência na educação. 2ª edição. São Paulo: Papirus, 1989.

DELORS, Jacques; et al. Educação: Um tesouro a descobrir. São Paulo. Editora Cortez, 2ª Edição, 1999.

ELIAS, Marisa Del Cioppo (org.). Pedagogia Freinet: teoria e prática. Campinas, SP: Papirus, 1996.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. Célestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

FREINET, Célestin, Conselho aos Pais. Lisboa, Editorial Estampa, 1974.

FREINET, Célestin, Para uma Escola do Povo: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular. São Paulo: Martins Fontes, 1996a.

FREINET, Célestin, Ensaio de Psicologia Sensível. São Paulo: Martins Fontes, 1998a.

FREINET, Célestin, Educação pelo trabalho. São Paulo: Martins Fontes, 1998b.

FREINET, Célestin. O Método Natural III - A aprendizagem da escrita. Lisboa, Editorial Estampa, 1977.

FREINET, Célestin, Pedagogia do Bom Senso. São Paulo: Martins Fontes, 1996b.

FREIRE, Madalena. A paixão de conhecer o mundo – relatos de uma professora. 12ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Política e Educação: ensaios. 7ª edição. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Questões da Nossa Época: V. 23).

GRANZOTTO, Flaviana M. A afetividade. p. 99-118. In: ELIAS, Marisa Del Cioppo (org.). Pedagogia Freinet: teoria e prática. Campinas, SP: Papirus, 1996.

HERNÁNDEZ, Fernando. Transgressão e mudança na educação. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998 a.

HERNÁNDEZ, Fernando. Os projetos de trabalho e a necessidade de transformar a escola. Presença Pedagógica, n.20, v.4, p.53-58, mar/abr. 1998b.

MENDES, R. M.M. - A prática pedagógica de Freinet. In: Revista AMAE EDUCANDO, p. 20 – Belo Horizonte, MG – 1982.

MORAIS, Maria de Fátima. O papel da escola na formação da cidadania. p. 137-142. In: ELIAS, Marisa Del Cioppo (org.). Pedagogia Freinet: teoria e prática. Campinas, SP: Papirus, 1996.

MORAIS, Maria de Fátima (org.). Freinet e a escola do futuro. Recife: Bagaço, 1997.

OLIVEIRA, Anne Marie Milon. Célestin Freinet: raízes sociais e políticas de uma proposta pedagógica. Rio de Janeiro: Papéis e Cópias de Botafogo Ltda, 1995.

OLIVEIRA, Anne Marie Milon. Freinet: teoria e prática na educação. p. 45-56. In: SMOLKA, A. Luiza B. (org.). Centenário e nascimento de Piaget, Freinet, Vygotsky e Jakobson. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 1998.

PAIVA, Yolanda Moreira S.. Pedagogia Freinet: seus princípios e práticas. In: ELIAS, Marisa Del Cioppo (org.). Pedagogia Freinet: teoria e prática. Campinas, SP: Papirus, 1996. p. 9-19.

PEREZ, Carmem Lúcia Vidal. Pré-escolar – Tentativa de construção de uma prática pedagógica coletiva. 1992. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal Fluminense. Niterói- Rio de Janeiro, 1992.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker. Freinet: evoluções históricas e atualidades. 2ª edição. São Paulo: Editora Scipione, 2002.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker. A aula passeio transformando-se em aula de descobertas. p. 179-191. In: ELIAS, Marisa Del Cioppo (org.). Pedagogia Freinet: teoria e prática. Campinas, SP: Papirus, 1996.

SANTOS, Maria Lúcia dos. Texto livre: expressão viva num sistema interativo. p. 157-166. In: ELIAS, Marisa Del Cioppo (org.). Pedagogia Freinet: teoria e prática. Campinas, SP: Papirus, 1996.

SHIMIZU, Dayse Maria Alonso. O método natural de Célestin Freinet. Garça: Editora FAEF, 2004.

WARSCHAUER, Cecília. A roda e o registro – uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.